



TRAJE À VIANESA
VIANA DO CASTELO

TRAJE À VIANESA – VIANA DO CASTELO
CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES PARA A CERTIFICAÇÃO



TRAJE À VIANESA
VIANA DO CASTELO

**CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES
PARA A CERTIFICAÇÃO**

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Traje à Vianesa - Viana do Castelo
Caderno de Especificações para a certificação

TEXTO

Graça Ramos e Ana Pires

FOTOGRAFIA

Rui Carvalho, Fundação Santoinho, Fernando Rei

DESIGN

Rui Carvalho

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Viana do Castelo
Viana do Castelo, 2016

DEPÓSITO LEGAL

000000/16

ISBN

000-000-000-000-0

ÍNDICE

- 05 Introdução
- 09 Nome que identifique o produto ou denominação de venda do produto e respetiva proposta de logótipo (marca de indicação geográfica)
- 11 Enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção “Traje à Vianesa - Viana do Castelo”, considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante
- 19 Delimitação geográfica da área de produção
- 23 Identificação e caracterização das matérias-primas e respetivos modos de produção (tecnologias artesanais tradicionais)
- 29 Características do produto “Traje à Vianesa - Viana do Castelo”
- 169 Condições de inovação do produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto
- 173 Bibliografia



INTRODUÇÃO

Em Julho de 2013, a Câmara Municipal de Viana do Castelo, solicitou à Associação Portugal à Mão – Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses, um estudo que permitisse a elaboração do Caderno de Especificações, elemento central no processo da certificação do Traje à Vianesa – Viana do Castelo.

Um Caderno de Especificações constitui sempre o documento que, qualquer que seja o produto, suporta o respetivo processo de certificação. Na sua elaboração e definição vertem-se todos os elementos que caracterizam esse produto e lhe conferem a sua específica identidade.

Trata-se de um documento normativo que regulamentará a implementação do processo de certificação. No caso do Traje à Vianesa – Viana do Castelo tal corresponderá à figura de uma IG – Indicação Geográfica “Traje à Vianesa – Viana do Castelo”, cuja atribuição compete ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Esta IG – Indicação Geográfica é composta por uma denominação e por uma marca (símbolo).

O Caderno de Especificações contém, pois, o conjunto de elementos que definem o que se irá traduzir no vocabulário e na gramática decorativa que tornam inconfundível a imagem do “Traje à Vianesa – Viana do Castelo”.

Para cada elemento do traje serão objetivadas as suas características definidoras (matérias-primas, processos produtivos, elementos decorativos) por forma a individualizar esta produção tradicional relativamente a outras, nacionais ou estrangeiras, conferindo-lhe maior visibilidade e divulgação ao mesmo tempo que a protege de cópias e produtos similares industriais e a impede de descaracterizações que a poriam em risco.



Mais concretamente fornecerá os seguintes elementos:

- Nome que identifique o produto ou denominação de venda do produto e respetiva proposta de logótipo (marca de indicação geográfica);
- Enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção, considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante;
- Delimitação geográfica da área de produção;
- Identificação e caracterização das matérias-primas;
- Descrição dos respetivos modos de produção (tecnologias artesanais tradicionais);
- Características do produto “Traje à Vianesa – Viana do Castelo”;
- Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.

1

**NOME QUE IDENTIFIQUE O
PRODUTO OU DENOMINAÇÃO
DE VENDA DO PRODUTO E
RESPECTIVA PROPOSTA
DE LOGÓTIPO
(MARCA DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA)**



TRAJE À VIANESA

VIANA DO CASTELO

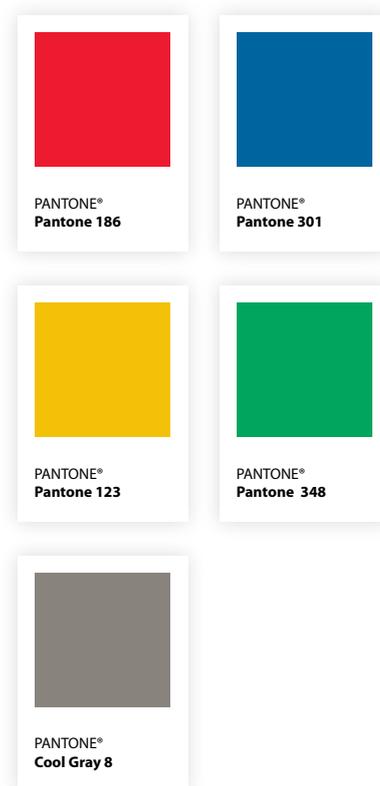
A Câmara Municipal de Viana do Castelo, entidade promotora do presente processo de certificação, vem requerer, junto do IEFP, I.P., o registo da produção artesanal tradicional “Traje à Vianesa – Viana do Castelo”.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação, com as variantes apresentadas no manual de normas de utilização.

Este pedido de registo é sustentado pelo Caderno de Especificações do “Traje à Vianesa – Viana do Castelo” aqui apresentado, o qual foi elaborado segundo o estabelecido no Decreto-Lei nº 121/2015 de 30 de Junho que cria e regulamenta o Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais, sistema este que é da responsabilidade e gestão do IEFP, I.P. (Instituto de Emprego e Formação Profissional).

Findo o processo de registo, e após decisão proferida pelo Presidente do Conselho Diretivo do IEFP, I.P. que deverá ser publicitada na 2ª série do Diário da República e estar disponível no Portal do IEFP, I.P. e nos portais do Cidadão e da Empresa, a produção artesanal tradicional em questão passa a integrar o Registo Nacional de Produções Artesanais Tradicionais Certificadas.

Posteriormente, a entidade promotora promoverá o registo da denominação da produção sob a forma de IG – Indicação Geográfica junto do INPI, I.P. (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).

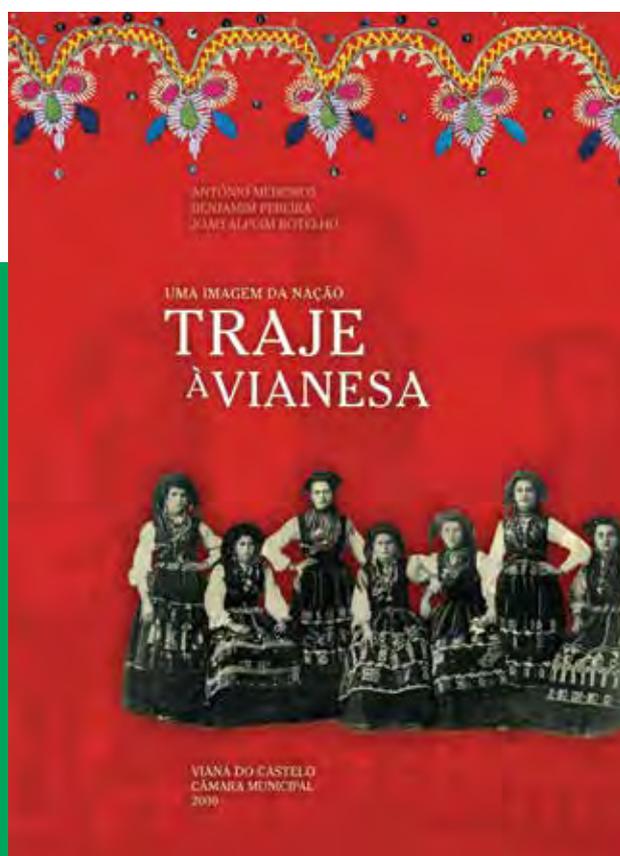


2

**ENQUADRAMENTO CULTURAL
E HISTÓRICO-GEOGRÁFICO
DA PRODUÇÃO “TRAJE À
DIANESA - VIANA DO CASTELO”,
CONSIDERANDO A RESPETIVA
ORIGEM E/OU O SEU VÍNCULO
AO CENTRO DIFUSOR MAIS
RELEVANTE**

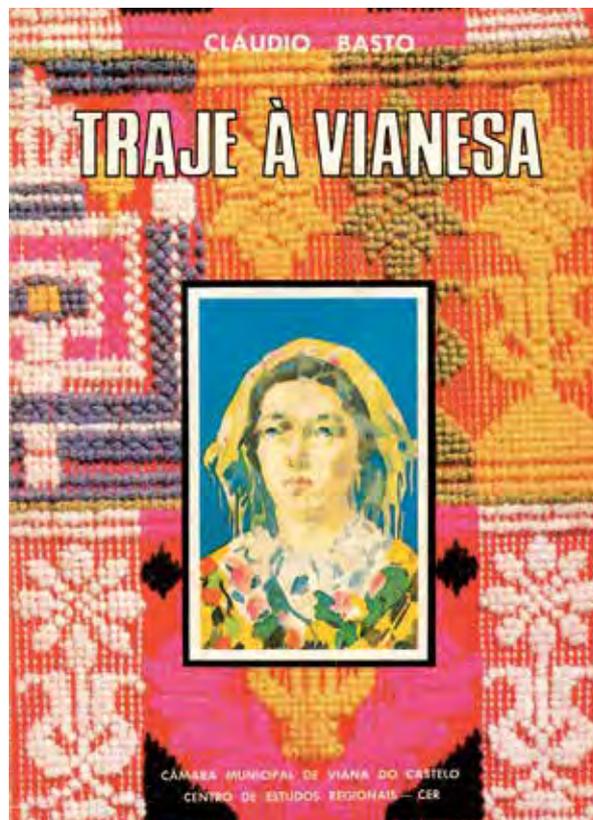
Em 1994, António Medeiros defendeu a tese de mestrado a que deu o título “À Nossa Moda. Contextos e Discursos de Identidade Minhota”, iniciando então uma reflexão aprofundada sobre o significado do Minho e dos seus símbolos. Todavia, foi só em 2003 que esse texto, agora denominado “A Moda do Minho. Ensaio Antropológico”, extravasou a comunidade universitária e chegou ao conhecimento de todos aqueles que se interessam por temas da Cultura Portuguesa.

Mais tarde, já em 2009, o mesmo António Medeiros, Benjamim Enes Pereira e João Alpuim Botelho publicam um livro, tão rigoroso quanto exemplar, a que dão o sugestivo título de “Uma Imagem da Nação. Traje à Vianesa”, publicado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo.



Neste livro, magnificamente ilustrado, acompanha-se todo o processo de afirmação do “Traje à Vianesa” entendendo-se como um traje considerado “minhoto” se transforma não só num ícone da cidade de Viana do Castelo “mas também do concelho, e mesmo do distrito do mesmo nome”. Um longo caminho havia sido percorrido entre a solitária interpelação de 1994 e o reconhecimento público que o livro de 2009 representa.

Naturalmente que outros autores se debruçaram sobre o esplendoroso Traje à Vianesa. Desde logo, o texto primacial de Cláudio Basto “Traje à Vianesa” (1930), o qual constitui o cânone por onde muitos se guiaram. Todavia, um traje, qualquer que ele seja, é sempre muito mais que as peças que o constituem. É sempre muito mais que as funções que supostamente desempenha. É sempre muito mais que as descrições que o pretendem fixar.





Um traje, nomeadamente aquele que a cidade de Viana congregou, publicitou e transformou numa “imagem da Nação”, tem hoje um significado plural, que em muito ultrapassa aquilo que representava há cerca de 150 anos. Nessa altura, o Traje à Vianesa, correspondia ao vestuário mais rico e vistoso que raparigas abastadas das aldeias dos arredores de Viana vestiam por ocasião de uma festa ou mesmo para vir à cidade vender os produtos das suas “indústrias caseiras”. Um traje, que se foi definindo e enriquecendo ao longo do século XIX, quando, após as profundas perturbações devidas às Invasões Francesas (1808 – 1810) e à Guerra Civil (1828 – 1834), se sucederam décadas de maior estabilidade e mesmo de um relativo progresso económico.

Foi assim que Ramalho Ortigão surpreendeu as vendedouras vindas “das freguesias circum-vizinhas, de aquém e de além-rio” no mercado semanal de Viana do Castelo, e descreveu, com a precisão de um instantâneo fotográfico, o que ele apelida de “vasto quadro deslumbrante”:

“As vestimentas das vendedouras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de cor e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos o mimo da expressão feminil.

As saias curtas, descobrindo a base piramidal da perna nua são de pano carmesim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas às listas pretas, castanhas ou azuis; cinzentas às riscas vermelhas, azuis, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvíssimo, mangas largas, bordadas em apanhados bizantinos, no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os ombros, bordadas ainda a linha de cores, à russa, nos canhões fechados, ou de linho, com barra de folho ou barra de renda. O colete, muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo de Utreque, ordinariamente pespontado numa espiguiilha de ouro ou de prata. Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudíssimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azuis. Os aventais, estreitinhos e



curtos, encabeçados em funéus de linho bordado a cores são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlate e de azul-persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Colares de contas de ouro liso. Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, (...) com aplicações policromas guarnecidas de lantejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, (...) fazendo diadema sobre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, (...) já envolvendo o rolo da trança sobre a nuca e caindo em duas pontas entre as espáduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnífico vermelho ardente, de púrpura, cor da flor dos catos.”

Estava-se em 1887 quando este entusiasmado relato chegou a uma elite urbana que, por todo o país, lia as “Farpas” com avidez. Todavia, embora no seu texto se misturem observações relativas a várias indumentárias, nem todas de festa, o traje que hoje todos consideram “à Vianesa” difere ainda daquele que, em 1887, foi dado a conhecer aos leitores de “As Farpas”.



Há que sublinhar, no entanto, que o texto de Ramalho Ortigão coincide com um momento em que o Minho correspondia já a uma região bem identificada e à qual tinham sido atribuídas conotações simbólicas muito específicas, reconhecidas e partilhadas. O Traje à Vianesa torna-se um dos seus ícones mais divulgados e é utilizado em todos os tipos de suportes gráficos. Revistas, postais, calendários, publicidade a diversíssimos produtos, utilizam largamente a imagem da lavradeira com o seu traje de festa. Em 1890, o pequeno príncipe de 5 meses – que há-de vir a ser o rei D. Manuel II – é fotografado ao colo da sua ama, estando esta vestindo o Traje à Vianesa. Mais tarde, senhoras de elevada posição social usam-no em circunstâncias especiais e fazem-se fotografar com ele, como acontece em 1913, quando a mulher do rei deposto, D. Manuel II, se deixa fotografar trajada. Em 1916, José Leite de Vasconcelos transcreve o trabalho de um aluno seu, António Gonçalves, em que este afirma: “O que no país se chama trajo à minhota, à moda do Minho, à vianesa, não é próprio de todo o Minho, como toda a gente sabe naturalmente: em regra é próprio de Viana do Castelo”.

Todavia, se no final do século XIX e na primeira década do século XX se difunde por todo o país o uso do Traje de Festa das lavradeiras vianenses, localmente, aquelas que ao longo do século XIX o definiram e usaram como indumentária, começam a abandonar o seu uso e a deixar-se seduzir por vestes mais citadinas e urbanas. A própria “moda” de trajar este fato, fora do seu contexto de origem, levou a formas de o vestir abastardadas que começam a preocupar alguns vianenses.

Todos os autores coincidem ao considerar os anos da I Grande Guerra (1914 – 1918) como um tempo de charneira, no que diz respeito ao uso local do Traje à Vianesa. Ouvem-se as primeiras vozes (Abel Viana, Manuel Couto Viana) a alertar para o seu desaparecimento ou para o seu uso em ocasiões consideradas menos próprias como bailes de Carnaval.

Em 1919 surge um primeiro Certame Regional de Danças e Descantes. Organizado por Abel Viana e Rodrigo V. Costa, tem como objetivo promover o uso do Traje à Vianesa e reconduzir o seu uso à sua forma tradicional. Neste concurso, ganhou o grupo da Areosa, conforme noticia o jornal Aurora do Lima, na sua edição de 22 de Agosto.

Nos anos seguintes continua, nas palavras de Manuel Couto Viana, “a campanha de defesa do traje à vianesa e pelo ressurgimento, nas aldeãs, do gosto pelo seu trajar”. Estas campanhas são claramente reforçadas quando nas várias freguesias se começam a encontrar entusiastas que, localmente, promovem a participação das raparigas nas paradas e concursos que, entretanto, se foram continuando a fazer. São alguns destes líderes, aliados daquela elite, urbana, que até então era quem defendia e promovia o uso do traje, quem mais tarde começou mesmo a dinamizar e orientar a atividade dos grupos folclóricos que entretanto se começaram a fundar.

Segundo Abel Viana, foi a partir de 1926, quando uma Parada Regional integrou o programa das festas da Senhora da Agonia, que se vulgarizou a presença de grupos trajados em atos e representações oficiais, algo que já se verificava, desde 1917, mas só por ocasião das Festas da Senhora da Agonia.



Afonso do Paço publica, em 1926, um artigo a que dá o sugestivo nome “Contribuição para o estudo do traje popular, dito “à lavradeira”, de Viana do Castelo” mas, é Cláudio Basto que, em 1930, publica a grande obra de referência sobre o “Traje à Vianesa” ali apontando as suas características genéricas e o modo como varia nas freguesias próximas de Viana do Castelo.

O modo como se promoveu e afirmou o uso do Traje à Vianesa, já não como uma “simples” indumentária de festa, mas como um traje com que ritualmente se afirma uma identidade, como acontece desde há quase 100 anos, está exaustivamente descrito e documentado no já referido livro “Uma Imagem da Nação. Traje à Vianesa”. O processo iniciou-se durante o século XIX e continuou até aos dias de hoje.

Na economia deste Caderno de Especificações interessa não só sublinhar como a cidade de Viana do Castelo se apropriou de um traje que as camponesas das freguesias vizinhas usavam (não só, mas também) para ir à cidade, como essa apropriação simbólica se traduziu num esforço concertado e continuado de promoção do seu uso e defesa das suas características.

Essas características, definidoras do Traje à Vianesa, muito beneficiaram do trabalho de Cláudio Basto, pois este define a latitude das variações que se podem encontrar no traje, associando-as aos territórios de algumas das freguesias do município. Entretanto, na década anterior à publicação “Traje à Vianesa”, e como anteriormente foi sugerido, haviam surgido os primeiros grupos folclóricos que utilizam o texto de Cláudio Basto como guia e apoio nas suas intervenções ao nível do traje.

Desde essa época surgiram muitos mais “ranchos” que, de algum modo, disputam o mesmo “mercado” da representação identitária. As recolhas e pesquisas que todos esses grupos folclóricos levaram (e levam) a cabo, para melhor fundamentarem e reproduzirem a tradição do traje usado em cada uma das freguesias, ocasionou a uma intensa “disputa”, tornando mais rígidas as naturais variações que sempre ocorrem numa produção.

Tendo sofrido um processo de definição e de estabilização nos anos 30 do século XX, o traje à vianesa continuou, todavia, a evoluir (como adiante será referido). Num certo sentido, este mesmo Caderno de Especificações constituirá mais um marco estabilizador no extraordinário devir do Traje à Vianesa – Viana do Castelo.

3

DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE PRODUÇÃO



- **NUT III - 1 - Alto Minho** Viana do Castelo
Arcos de Valdevez
Caminha
Melgaço
Monção
Paredes de Coura
Ponte da Barca
Ponte de Lima
Valença
Vila Nova de Cerveira

- **NUT III - 2 – Cávado** Amares
Barcelos
Braga
Esposende
Terras do Bouro
Vila Verde

- **NUT III - 3 – Ave** Cabeceiras de Basto
Fafe
Guimarães
Mondim de Basto
Póvoa de Lanhoso
Vieira do Minho
Vila Nova de Famalicão
Vizela

Não queremos com isto dizer que não se confeccionem as peças que entram na composição do Traje à Vianesa – Viana do Castelo noutros pontos do país. Sabemos que sim, mas trata-se de situações que têm carácter vestigial. A concentração mais relevante é, de facto, nesta região, pelo que a delimitação geográfica proposta como **área de produção** nos parece adequada. Acresce o facto do Traje à Vianesa – Viana do Castelo corresponder a um conjunto de vários elementos, os quais, geralmente, não são provenientes do mesmo local de produção nem do mesmo produtor/artesão, pelo que uma área de maior abrangência como aquela aqui proposta contempla a realidade da situação atual.

4

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS MATÉRIAS-PRIMAS E RESPECTIVOS MODOS DE PRODUÇÃO (TECNOLOGIAS ARTESANAIS TRADICIONAIS)

O Traje à Vianesa é composto por um conjunto de peças, todas de origem artesanal, à exceção dos lenços, usados na cabeça e ao peito, e dos tecidos utilizados nas camisas, nos coletes, nos “forros” das saias e nas algibeiras.

Cada peça é confeccionada recorrendo a determinadas matérias-primas como o linho, a lã, fios de bordar de algodão e de lã, vidrilhos e lantejoulas mas também àqueles tecidos de manufatura industrial como algodão, o linho, veludos e flanelas de algodão e de lã.

Um ou vários saberes artesanais são decisivos na manufatura de algumas das peças mais emblemáticas, como acontece no caso das saias e dos aventais (que são tecidos em tear manual), com o bordado (nas camisas, barras das saias, coletes e algibeiras), com a renda (no caso das meias), com o fabrico das chinelas e ainda na confeção/costura de saias e aventais, camisas, coletes e algibeiras.

Já em 1887 Ramalho Ortigão escrevia, numa passagem do seu livro “As Farpas”:

“Além de tecedeira, toda a rapariga de Viana é também fiadeira, sabe cardar, sabe espadelar, e ela mesma se ocupa, com uma notável variedade de conhecimentos e de aptidões, de todos os processos por que passa a lã e o linho desde a tosquia do carneiro e desde a ceifa do linhal até à confeção completa da sua linda saia e da sua admirável camisa. Sabe ainda manejar os bilros e fazer as rendas, e sobra-lhe tempo de todas estas ocupações tão variadas e tão completas para deitar galinhas e para fabricar manteiga tão fina como a da Normandia”.

De facto, naquele tempo era bem conhecida a apetência e a competência da mulher de Viana para a manipulação das matérias-primas e a sua transformação em bens para seu uso e para seu sustento:

“Não é rara a rapariga que na feira de Viana vende simultaneamente todos esses produtos da sua indústria: as galinhas, os ovos, a manteiga, o pano de linho, o pano de lã, a sirguilha, os bordados e a renda. Além do que, está dos pés à cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ela só executou desde a primeira manipulação das substâncias primas tomadas à matéria bruta até ao último ponto da costura e a última malha de renda.”



Não custa a crer que em 1887 cada uma das peças do Traje à Vianesa (com a já referida exceção dos lenços usados na cabeça e ao peito) se devesse, integralmente, a produções locais e domésticas. Nos linhares cultivava-se o linho que as mulheres de cada família tratavam até o transformarem num fio que depois era trabalhado ao tear. Na altura, as camisas (e a roupa de baixo) eram talhadas em tecido de linho. Progressivamente este linho produzido e tecido artesanalmente foi sendo substituído por linho de manufatura industrial e até por tecido de algodão.

Igualmente, nos finais do século XIX, a lã seria, em grande parte, originária dos pequenos rebanhos de ovelhas que cada família criava com esse fim. Essa lã era depois fiada, tingida e tecida. E se numa primeira fase se utilizavam corantes naturais, logo na passagem do século XIX para o século XX, se passaram a utilizar, banalmente, corantes sintéticos. Todavia, tal como aconteceu com o linho, o fio de lã deixou de ser obtido e preparado localmente. Manteve-se, no entanto, a produção de tecidos de lã em tear manual, utilizando-se fio de lã produzido industrialmente.

Tradicionalmente, os teares manuais são estreitos, pelo que a largura do conjunto dos fios da “trama” andar, em média pelos 65 centímetros. Esta será a largura do tecido a qual irá corresponder à altura da saia. Mas, ao tempo em que se definiu este traje, as saias necessitariam de ter cerca de 80 centímetros de altura, pelo que se resolveu este problema acrescentando, em baixo, uma barra, na parte da saia que se sujava com maior facilidade e estava mais sujeita a degradar-se e a romper-se. Este acréscimo, geralmente de flanela de lã, tomou o nome de “forro”. Sublinhe-se que a expressão deste “forro”, pela cor, largura e decoração, constitui um elemento marcante, porventura dos mais diferenciadores na definição dos vários modos de organizar o Traje à Vianesa adiante explicitados - Areosa, Afife, Santa Marta de Portuzelo e Geraz do Lima -, a que acrescem as “derivações” destes de Carreço, Perre, Outeiro, Meadela, Cardielos, Serreleis, São Lourenço da Montaria, Amonde e Freixieiro de Soutelo.

O tear (onde se tecem as saias e os aventais) era urdido com fio de estopa ou de linho mas, desde há mais de 100 anos, que se generalizou a urdidura em fio de algodão. Esta trama de fios claros é tapada, com a lã da teia na qual se formam variadíssimos padrões de riscas. Uma vez, riscas largas vermelhas, a que muitos chamam “listões”, alternam com riscas pretas e brancas, mais fininhas, mas não é raro encontrarem-se

outras cores. Por vezes algumas destas riscas apresentam um trabalho de “puxados” que definem um desenho. Embora seja quase impossível detetar a totalidade das combinações existentes, pois, provavelmente, não existem duas saias iguais, não se associa nenhum padrão específico a qualquer das freguesias havendo, no entanto, aqueles cuja predominância é maior.

A tecelagem manual constitui um traço distintivo e marcante, a caracterizar a manufatura de saias e aventais. Outra das técnicas artesanais que imprime ao Traje à Vianesa – Viana do Castelo um aspeto único e diferenciador é o bordado. O bordado marca os coletes, os forros das saias, os cozes dos aventais, as camisas, as algibeiras e, nalguns casos, as próprias chinelas.







A ostentação do bordado no traje atual corresponde a uma evolução que se terá iniciado porventura nas primeiras décadas do século XIX, quando o bordado aparecia nos coletes, camisas e nas algibeiras, todavia, de um modo muito mais discreto e contido do que aquele que se verifica nos dias de hoje. As barras das saias só começaram a ser bordadas muito mais tarde, conforme adiante se explicitará.

Atualmente, borda-se sobretudo com fio de algodão perlé, podendo ser sublinhado com lantejoulas, vidrilhos ou missangas. Por vezes, também se borda com um fio prateado a que dão o nome de “cordão palheto”. Nos trajes mais antigos pode-se ver bordado feito com outros materiais como fio de seda, fio de lã, fio de soutache, ou mesmo decorações feitas com galões.

Todavia, enquanto o bordado ganha cada vez mais expressão, mormente no “forro” das saias e no “rigor” do colete, nota-se uma diminuição na qualidade dos riscos, que estão a ficar estereotipados, repetitivos, reduzidos a uma curta panóplia de motivos e combinações.

Num traje como o Traje à Vianesa – Viana do Castelo onde a versatilidade das combinações, muito evidente no caso do tecido das saias em que a tecedeira sempre se sentiu livre e sempre foi capaz para, a todo o momento, fazer as suas escolhas, torna-se motivo de reflexão, porventura de futura intervenção, acautelar o acervo de desenhos disponíveis, pois a bordadeira, ao contrário da tecedeira, necessita de um desenho que, a não existir, ela não consegue improvisar. Sublinhe-se que o que está em causa não é a qualidade da execução do bordado, mas do desenho que lhe subjaz.

Quase todas as peças do traje requerem trabalho de costura, muito evidente no caso das camisas, dos coletes e das algibeiras, mas que também é necessário na confeção das saias e dos aventais. Este trabalho de costura pressupõe o recurso a máquina para o efeito. Ao mencionarem-se adiante as características de cada uma das peças que integram o Traje à Vianesa – Viana do Castelo, este aspeto será devidamente considerado, para cada uma delas.

5

CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO “TRAJE À VIANESA - VIANA DO CASTELO”

O Traje à Vianesa é um produto múltiplo, composto por um conjunto de peças, todas manufaturadas artesanalmente na região do Minho (à exceção dos lenços), cujo resultado final se deve à combinação poliédrica entre elas e ao modo como os adornos em ouro o enfeitam e sublinham.

Segundo Cláudio Basto o padrão geral do Traje à Vianesa, tal como era percecionado em 1930, é constituído por:

“saia curta (aí pelo tornozelo), às listas verticais, de roda farta, pregueada miudamente na cinta, com barra larga a que chamam “forro”, avental franzido também na parte superior, camisa branca, de mangas compridas, apanhadas nos ombros; colete que não desce da cintura; lenço traçado no peito e apertado atrás na altura da cinta; lenço trespassado sobre a nuca e atado no alto da cabeça; algibeira, que na forma lembra o coração e fica visível entre a saia e o avental; meias brancas, feitas à mão; chinelas.”

A produção caseira das peças que compõem o traje foi permitindo a sua adaptação ao tipo de uso pretendido, e a sua evolução foi permeável às influências das modas e dos gostos. Assim, o traje à vianesa nunca foi imutável nem nasceu de acordo com um modelo único que a ele sempre se mantivesse fiel; pelo contrário, ele foi adquirindo sentidos que ultrapassaram e se sobrepuseram ao aspeto utilitário do uso quotidiano, transformando-se, adquirindo e reforçando um valor simbólico e cerimonial relevante.

Desta forma, quando se fala de Traje à Vianesa – Viana do Castelo, fala-se do que mais vulgarmente ainda se chama Traje à Lavradeira ou de Festa, nas variantes assumidas pelas diferentes freguesias de Viana do Castelo. Nestas freguesias, os respetivos grupos folclóricos e etnográficos, que foram surgindo a partir dos 20 do século XX, podem ser considerados os grandes responsáveis pela maior definição e apropriação das “diferenças” que agora se verificam e que, anteriormente, não seriam tão vincadas ou disputadas. Nestes grupos assistiu-se a um processo de reivindicação e de apropriação dos sinais distintivos de uma identidade, cada qual e sempre a “mais deles”.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.^o-EDITORES

Raparigas de Portuzello
VIANNA DO CASTELLO

Os grupos folclóricos das freguesias de Afife (1920-1926), de Areosa (final de anos 20) e de Santa Marta de Portuzelo (1940) terão sido os principais protagonistas no definir das características diferenciadoras do Traje à Vianesa, muito por influência dos seus responsáveis. Assim, e ainda que seguindo, de um modo geral, o padrão geral do traje à vianesa descrito por Cláudio Basto, destacam-se, contemporaneamente, as tipologias principais de **Afife**, **Areosa**, **Santa Marta de Portuzelo** e de **Geraz do Lima**, tipologias estas que, pela proximidade, influenciaram outras freguesias.

Feira da Amostras de 1929
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)





Tais são os casos de **Perre e Outeiro, Meadela, Serreleis e Cardielos** os quais se aproximam mais da tipologia de Santa Marta de Portuzelo, enquanto o de **Carreço** mistura as tipologias de Afife e de Santa Marta de Portuzelo. Nestes trajes (**Perre e Outeiro, Meadela, Serreleis, Cardielos e Carreço**) predomina a cor vermelha, com maior ou menor importância.

São Lourenço da Montaria, Amonde e Freixieiro de Soutelo, freguesias mais a norte do concelho de Viana do Castelo, distinguem-se, num processo algo recente, pela utilização muito equilibrada das quatro cores de base: vermelho, azul forte, verde e azul-escuro. Quer isto dizer que, ao contrário do que acontece nas demais freguesias (com a já assinalada exceção de Geraz do Lima) não se nota o predomínio do traje vermelho, o qual aparece em igualdade de circunstâncias com o uso do traje azul forte, do verde e do azul-escuro. Em todos os casos inspirados na tipologia de Santa Marta de Portuzelo.

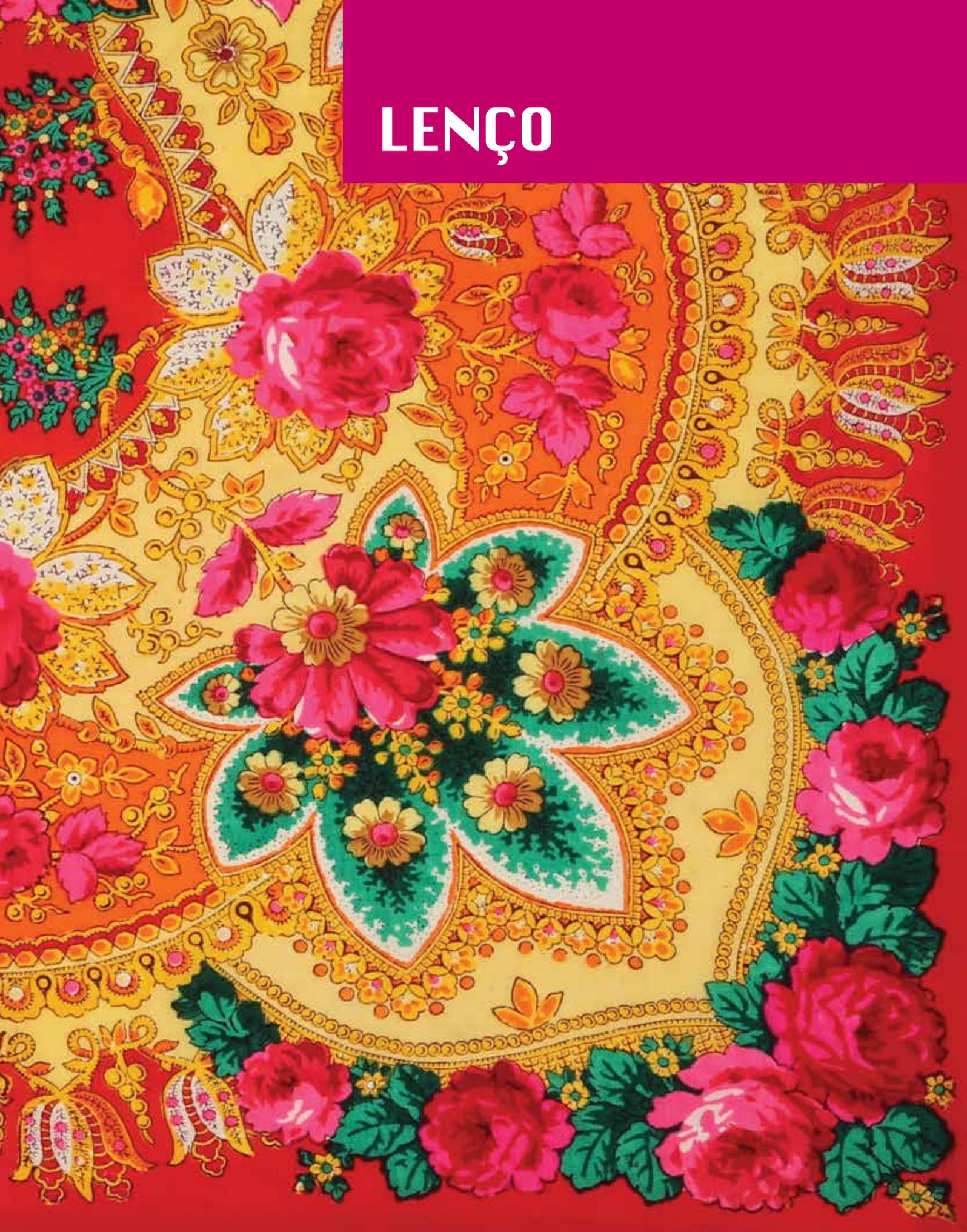
Em todas as freguesias usa-se uma versão do Traje de Santa Marta de Portuzelo feito num tom escuro, aquilo a que se chama “traje de dó”. Nesta versão as cores base são sempre o preto e o azul-escuro, a que se podem acrescentar cores como o roxo, o verde seco escuro e o amarelo-torrado, entre outras, menos significativas. Trata-se de um traje menos exuberante, eventualmente para uso de mulheres menos jovens ou que pretendem um traje mais discreto.

De seguida identificam-se as peças que integram o Traje à Vianesa – Viana do Castelo pormenorizando aspetos da sua produção e confeção.





LENÇO





Os lenços, de lã fina com ramagens, têm sempre franjas compridas (entre 10 e 12 cm), também elas de lã e feitas manualmente, e são usados na cabeça e, traçados, sobre o peito. São de produção exclusivamente industrial e conhecidos por “lenços austríacos”. Muito provavelmente os comerciantes portugueses importavam-nos da Áustria. Na realidade estes lenços, que eram (e são) vendidos para todo o mundo, correspondem a uma produção com origem na cidade russa de Pavlovo Posad, a 40 km de Moscovo. A fabricação terá começado com Ivan Labsin em 1795 numa fábrica no condado Bogorodskiy que entretanto mudou o nome para Pavlovo Posad. Mas foi só a partir dos primeiros anos da década de 60 do século XIX que a produção ganhou maior visibilidade e projeção, mantendo-se mesmo após a nacionalização ocorrida devido à Revolução de Outubro de 1917.

Em Viana terão aparecido talvez ainda na década de 70 do século XIX, mas só uns anos mais tarde ganharam a predominância que mantêm desde então.

Como facilmente se percebe, o deslumbramento com os lenços foi total, pelo que foram adotados quer para serem usados na cabeça, atados ao alto e a descerem em bico sobre as costas, quer ao pescoço com as duas pontas traçadas sobre o peito. Sendo artigos de compra tornavam-se menos fáceis de obter pelo que, durante muito tempo, se estabeleceu o hábito de os cortar ao meio e, cada uma das metades fazia as vezes de um lenço inteiro. No entanto, isto só se fazia com os lenços do peito.



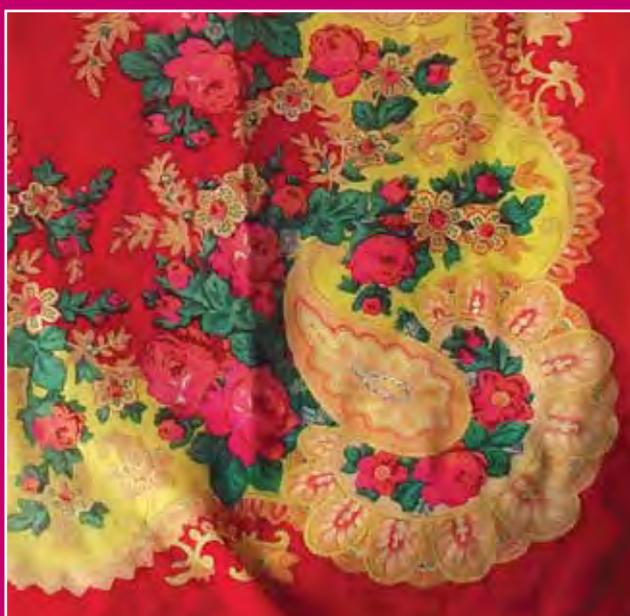
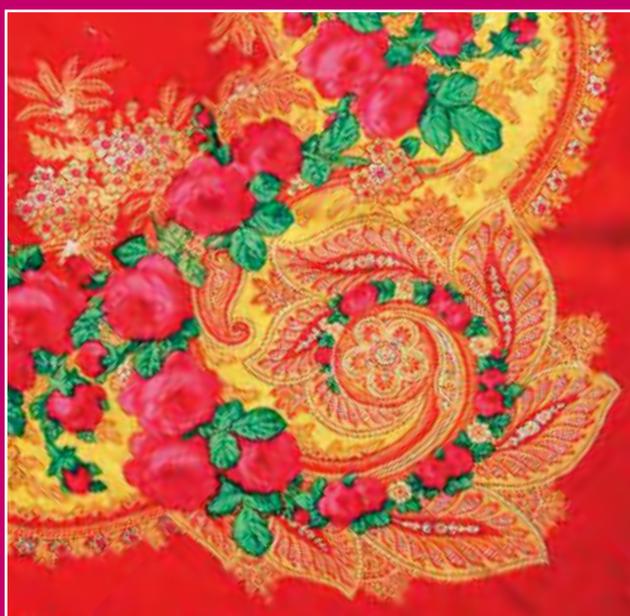
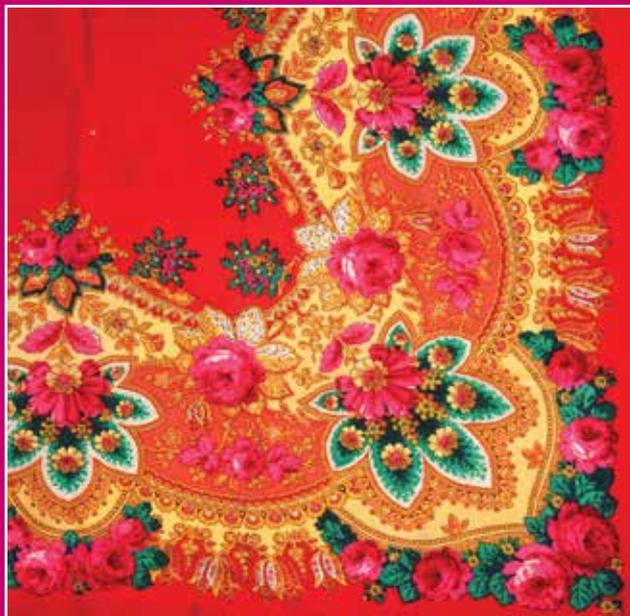
Todavia, o gosto pelos lenços condicionou e limitou a expressão da camisa no traje. Repare-se que os lenços tapam os bordados dos ombros e ombreiras e até os bordados do colete.... Com efeito, em 1887 Ramalho Ortigão, descrevendo o traje das lindas lavradeiras que via no mercado de Viana do Castelo, ainda podia escrever: “(...) *Grandes colarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda*” texto que, desde há muito, se tornou quase incompreensível, pois que os lenços – e a decadência da indústria rendeira de Viana – eliminaram o seu uso.

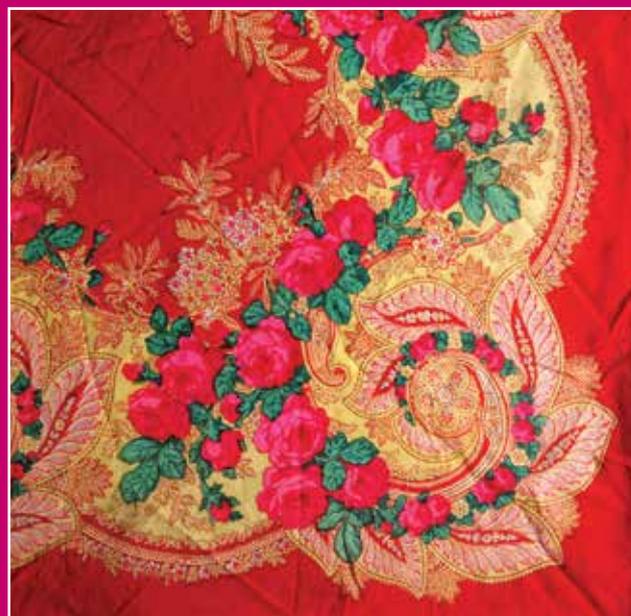
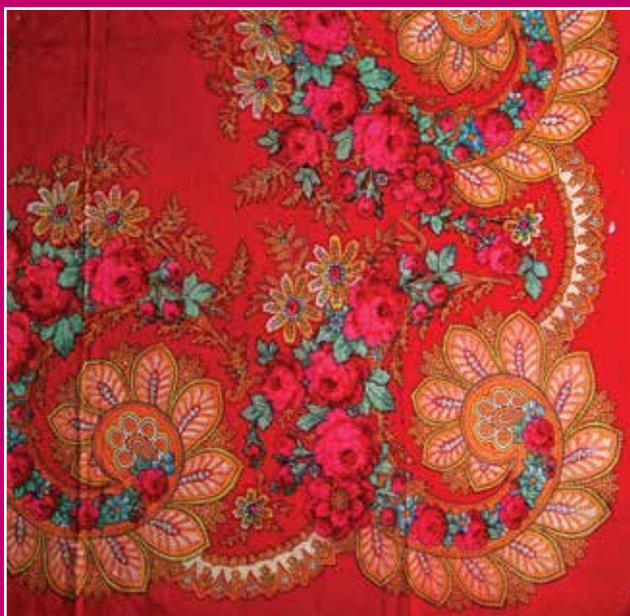
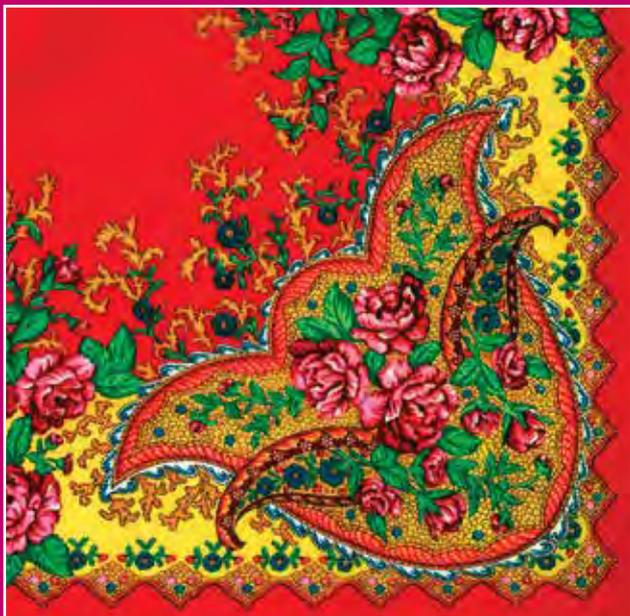
Atualmente existe em Viana quem disponibilize simulacros dos primitivos lenços. O tecido já não é de lã, mas sim de fibras sintéticas como o acrílico ou a viscose e o estampado não apresenta a minúcia e delicadeza de desenho dos verdadeiros lenços, apresentando-se como “esborrado”. Igualmente diminuiu a diversidade dos desenhos e padrões disponíveis. Por esta razão, os lenços antigos que aparecem em feiras de velharias ou nos antiquários são muito disputados e, por isso, muito caros.

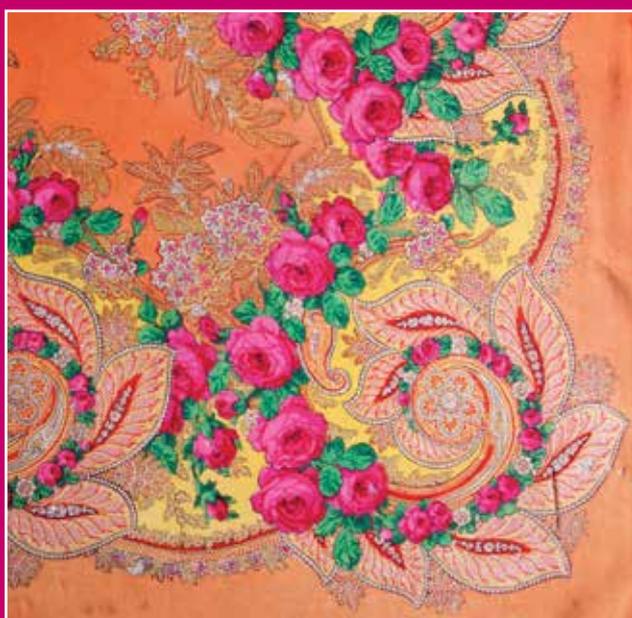
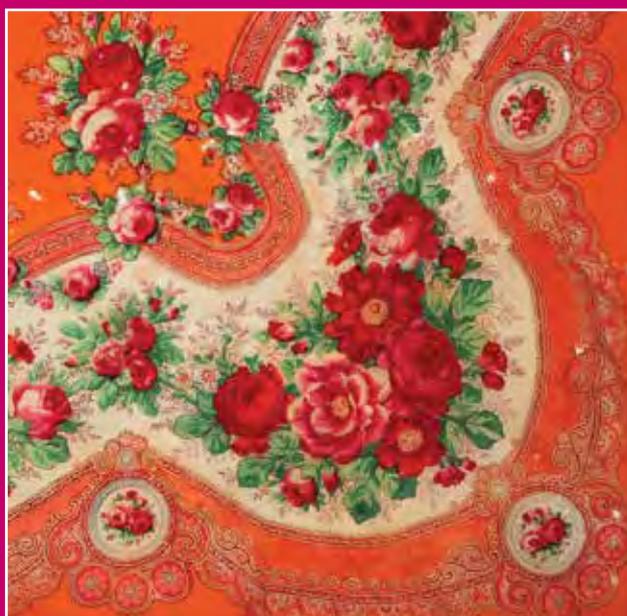
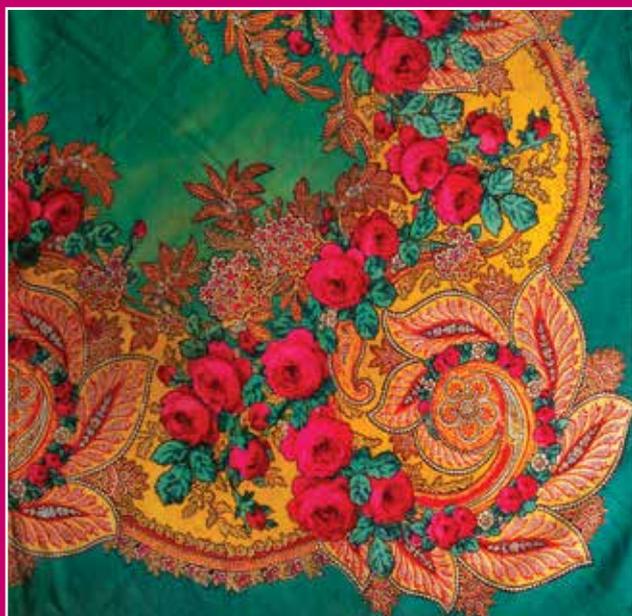
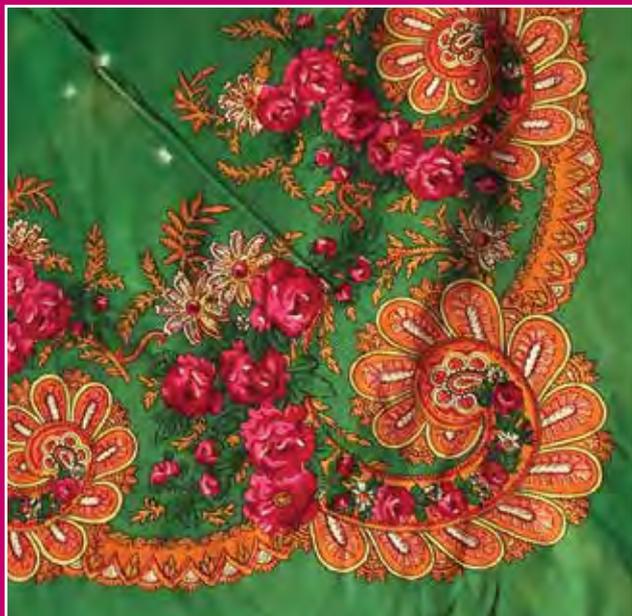
Chama-se aqui a atenção para a necessidade urgente de melhoria na estampagem presente nos lenços atuais, bem como para um uso de padrões mais diversificados (dentro do género), fator que, em muito, beneficiaria o conjunto do Traje à Vianesa – Viana do Castelo.

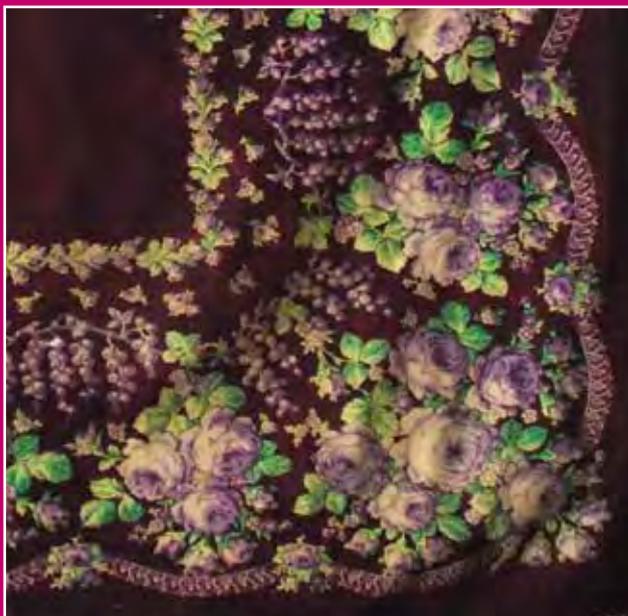
O mais importante, no que diz respeito ao uso do lenço no Traje à Vianesa – Viana do Castelo, diz respeito à adequação cromática que deve ter relativamente às restantes peças do traje: de fundo vermelho para os trajes vermelhos (ainda que, por vezes, também se encontrem lenços amarelos no traje vermelho), de fundo azul forte para os trajes azuis, de fundo verde para o traje de Geraz do Lima, laranja e amarelo no caso de Afife e de fundo preto, roxo ou azul-escuro para o traje azul-escuro.











CAMISA



A camisa do Traje à Vianesa – Viana do Castelo é de confeção grosseira, com um corte arcaico que não considera a ergonomia dos corpos a que se destina. A rusticidade da sua forma fica, no entanto, completamente escamoteada não só porque é usada debaixo de um esplêndido colete e do lenço traçado sobre o peito, como as suas partes visíveis são objeto de cuidada decoração. Originalmente em linho, atualmente, a camisa é na sua larga maioria feita em 100% de algodão.

Todavia, numa perspetiva de qualificar o traje através das matérias-primas utilizadas e para efeitos de certificação, exigir-se-á a sua confeção em linho ou meio linho (50% linho/50% algodão).

A camisa terá sido a peça que mais se modificou ao longo dos tempos. Desde logo porque, originalmente, tinha um comprimento que a fazia chegar quase até ao tornozelo. De forma tubular, mas não excessivamente justa, esta camisa comprida acautelava o decoro da mulher, por exemplo, em situações de dança.

Como já se referiu as golas têm vindo a perder o protagonismo que inicialmente detinham, quando eram quase integralmente feitas de renda (de bilros ou mecânicas) fazendo um largo folho a toda a volta do pescoço. O uso do lenço reduziu a sua importância e a gola tem vindo a desaparecer. Se nalguns casos ainda se pode ver um pequeno colarinho, ultimamente o decote da camisa, bem junto ao pescoço e com abertura do lado da frente, aparece simplesmente rematado por um ponto caseado alto, do tipo ponto de cobertor, ligeiramente trabalhado, que se prolonga pela carcela. A dita abertura, a que já correspondeu uma carcela com botões, bordada e debruada com renda, limita-se agora a um ligeiro trespasse de tecido, rematado na ponta com aquele ligeiro bordado.

As mangas da camisa são compridas até ao punho e bastante largas. O excesso de tecido resolve-se junto dos ombros e dos punhos com a execução de um particular franzido, conhecido por “pregas de imprensa”, quase sempre bordado com “favos”.





Os ombros da camisa são descaídos e bordados tal como as ombreiras, onde, além das referidas pregas ditas “de imprensa”, se podem ver outros bordados, feitos a fio de algodão azul forte, cor que quase substituiu o branco e o azul claro presentes nos exemplares mais antigos. A este bordado azul forte correspondem motivos, de carácter vegetalista e floral, os quais têm vindo a aumentar de tamanho e a ganhar mais expressão, “descendo” na manga. São bordados a ponto cheio ou a ponto de matiz, embora se trate sempre, em qualquer caso, de um bordado monocromático. Os elementos do desenho ligam-se por hastes bordadas a ponto pé de flor, embora outros pontos se lhe possam juntar, como canutilhos, crivo ou nozinhos.

Originalmente os bordados da camisa seriam brancos, depois começaram a aparecer bordados a azul claro e, mais raramente, apontamentos a vermelho (sobretudo nos punhos). A estes bordados mais antigos corresponde um desenho miúdo, organizado de forma geométrica, onde se pode encontrar uma maior variedade de pontos de bordar (cheio, crivo, ilhós, caseado, nozinho, ponto pé de flor). A este tipo de desenhos correspondem também os exemplares integralmente bordados a ponto de cruz.

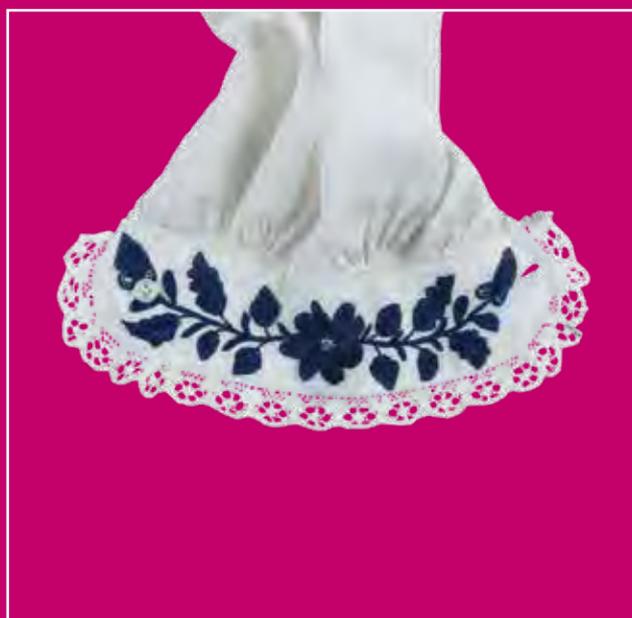
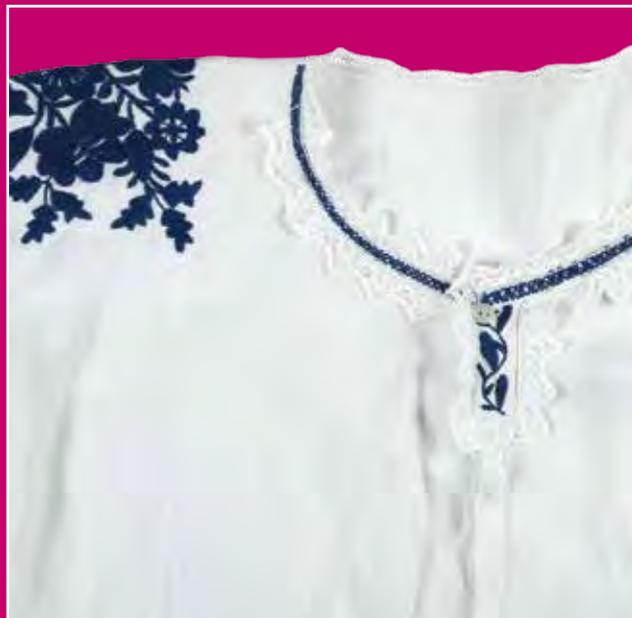
Os punhos da camisa são sempre debruados ou recortados com bordado, mas também podem apresentar um fino trabalho de crivo, rendas industriais e mesmo pequenos folhos de “bordado inglês” também mecânico. Apertam com um pequeno botão branco, ou com molas ou colchetes, pelo interior.

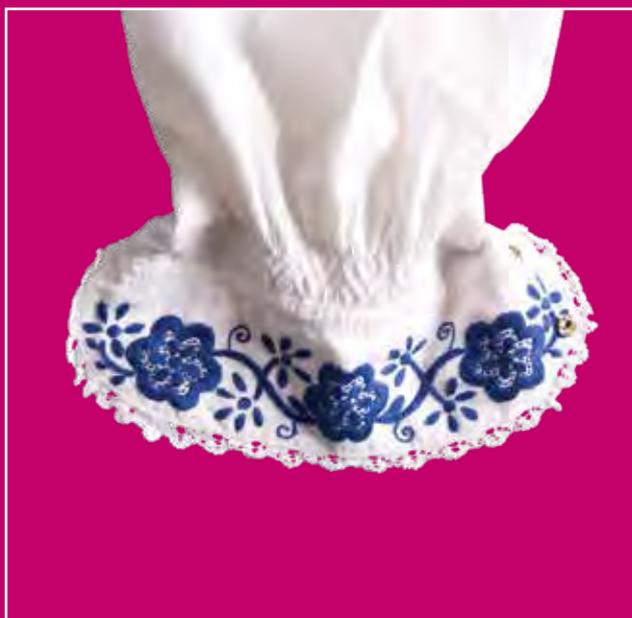
Todos os bordados de uma camisa, independentemente do local onde se encontrem, são sempre da mesma cor.

A camisa, em toda a sua diversidade, partilha, como adiante se verá com as algibeiras e os aventais, a característica de poder ser usada em qualquer das tipologias do Traje à Vianesa, ou seja, por si mesma não constitui um elemento diferenciador do traje (à exceção das camisas do traje de Geraz do Lima, cujos bordados são sempre em verde).

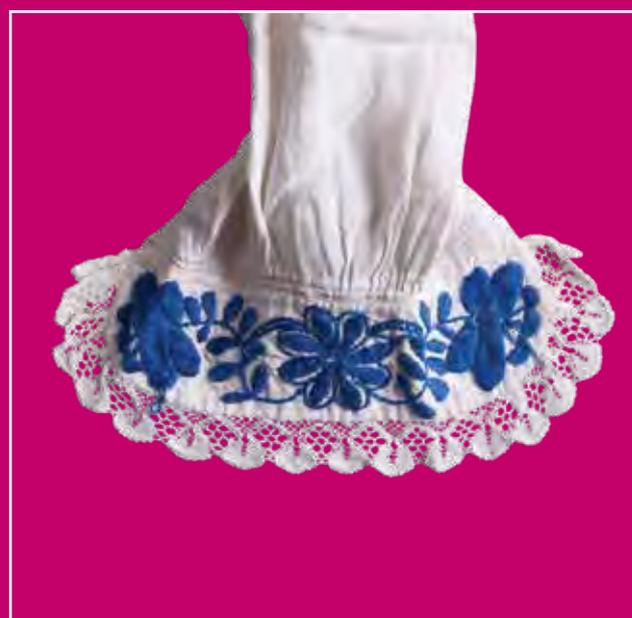
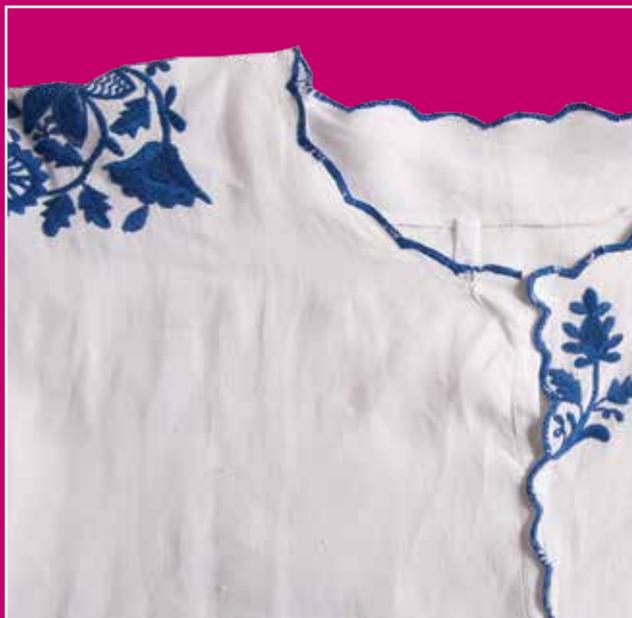
Resumindo: a camisa do Traje à Vianesa – Viana do Castelo

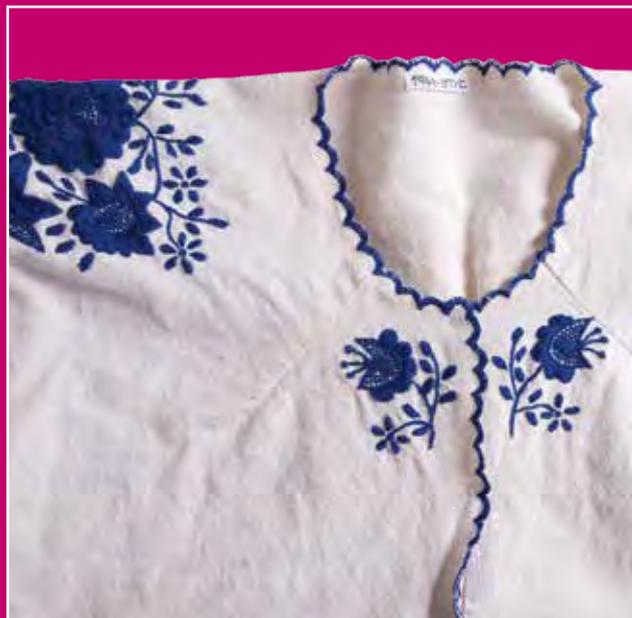
- tem a altura de uma vulgar blusa, mas admite outros comprimentos
- pode ser feita em linho ou meio linho (50% linho/50% algodão), mas sempre na cor branca
- as suas mangas são compridas e apertam com um punho
- as suas mangas são largas e, pelo menos nas ombreiras, ostentam “pregas de imprensa”
 - as “pregas de imprensa” podem ter padrões variados
 - os alinhavos que as definem podem ser na mesma cor do restante bordado ou a branco
- é decorada com bordado
 - nos ombros
 - nas ombreiras
 - nos punhos
 - à volta do decote ou do colarinho, caso este exista
- o seu bordado é sempre monocromático
 - predomina o uso do azul forte mas também se admitem como cores
 - o branco
 - o azul claro
 - e o verde (no caso de Geraz do Lima)
- o fio de bordar corresponde ao fio de algodão, mercerizado, nº 8
- as tipologias do desenho têm que estar de acordo com as cores:
 - florais e vegetalistas para os casos do azul forte e verde
 - desenho miúdo de organização geométrica na utilização do branco e do azul claro
- os seus punhos são sempre bordados e quase sempre rematados com bordado ou com pequenas rendas
- o seu colarinho, sempre chegado ao pescoço, é bordado, mas pode nem existir, substituído por um decote redondo rematado com caseado alto
- a abertura da camisa é dianteira e também bordada
 - pode ter ou não uma carcela enfeitada com uma renda delicada

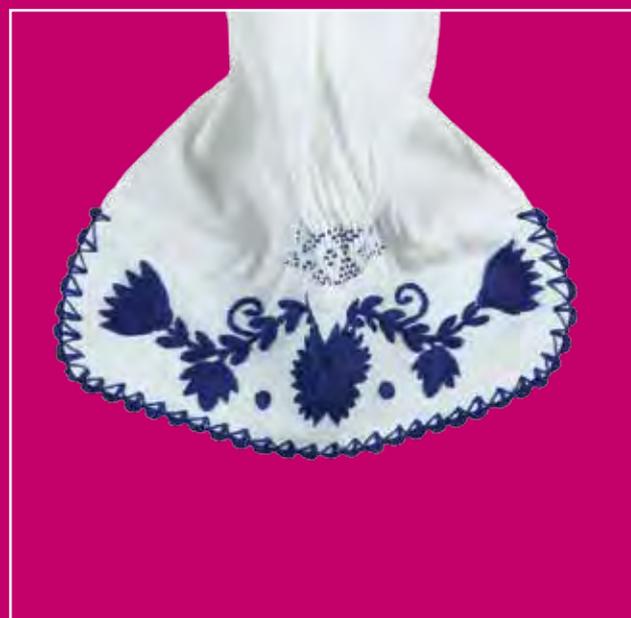
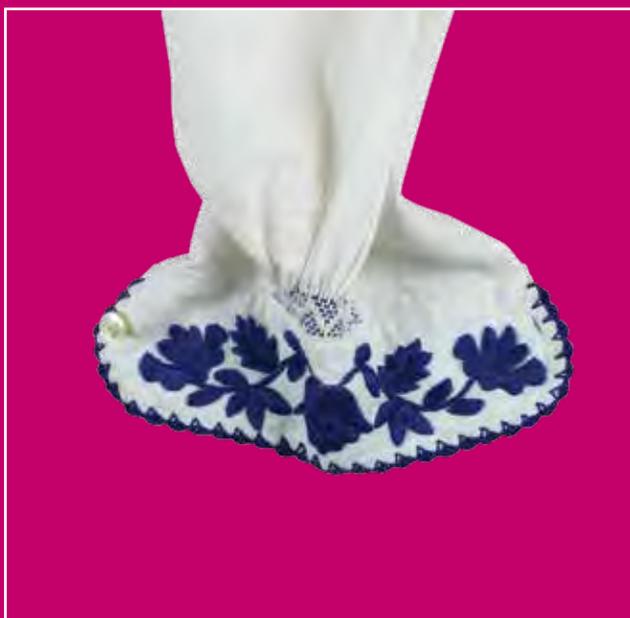


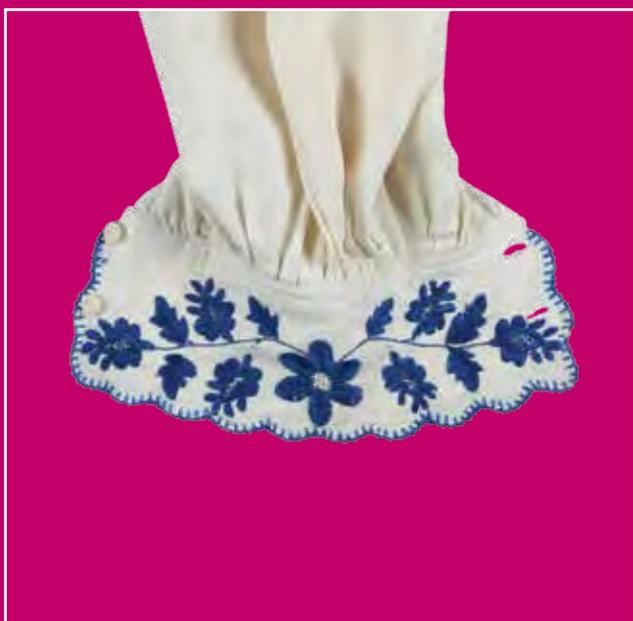
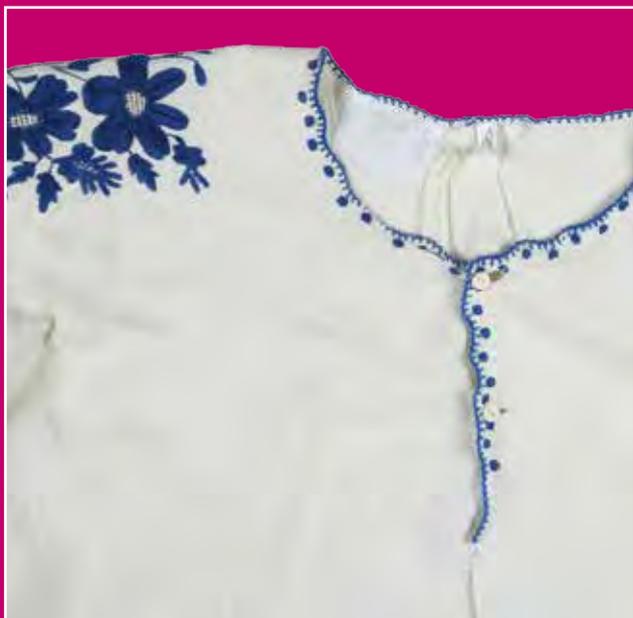


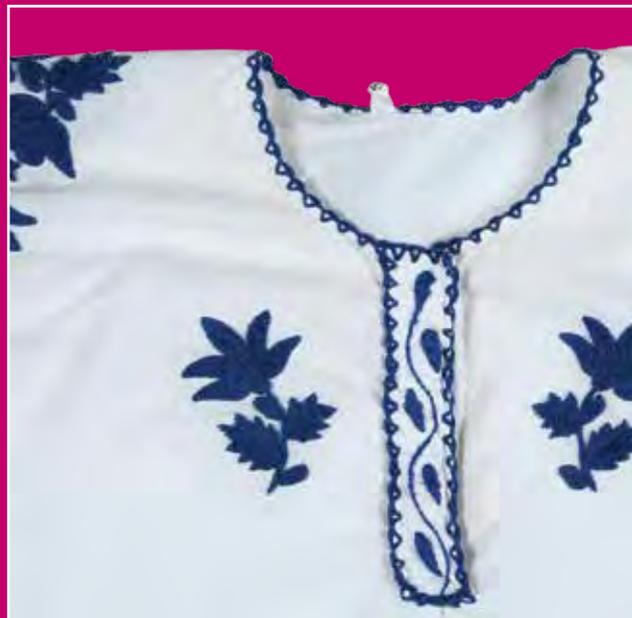
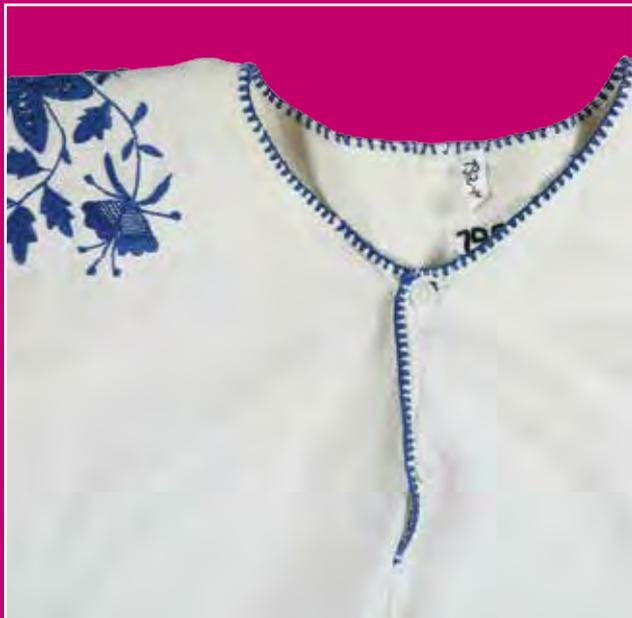


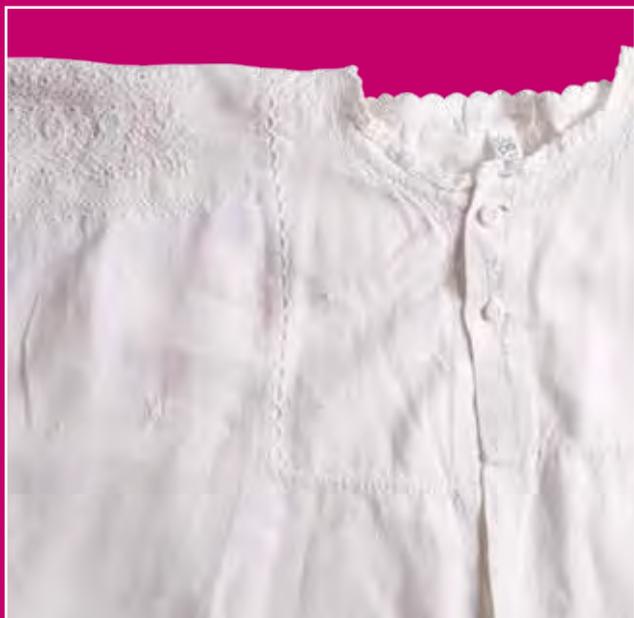










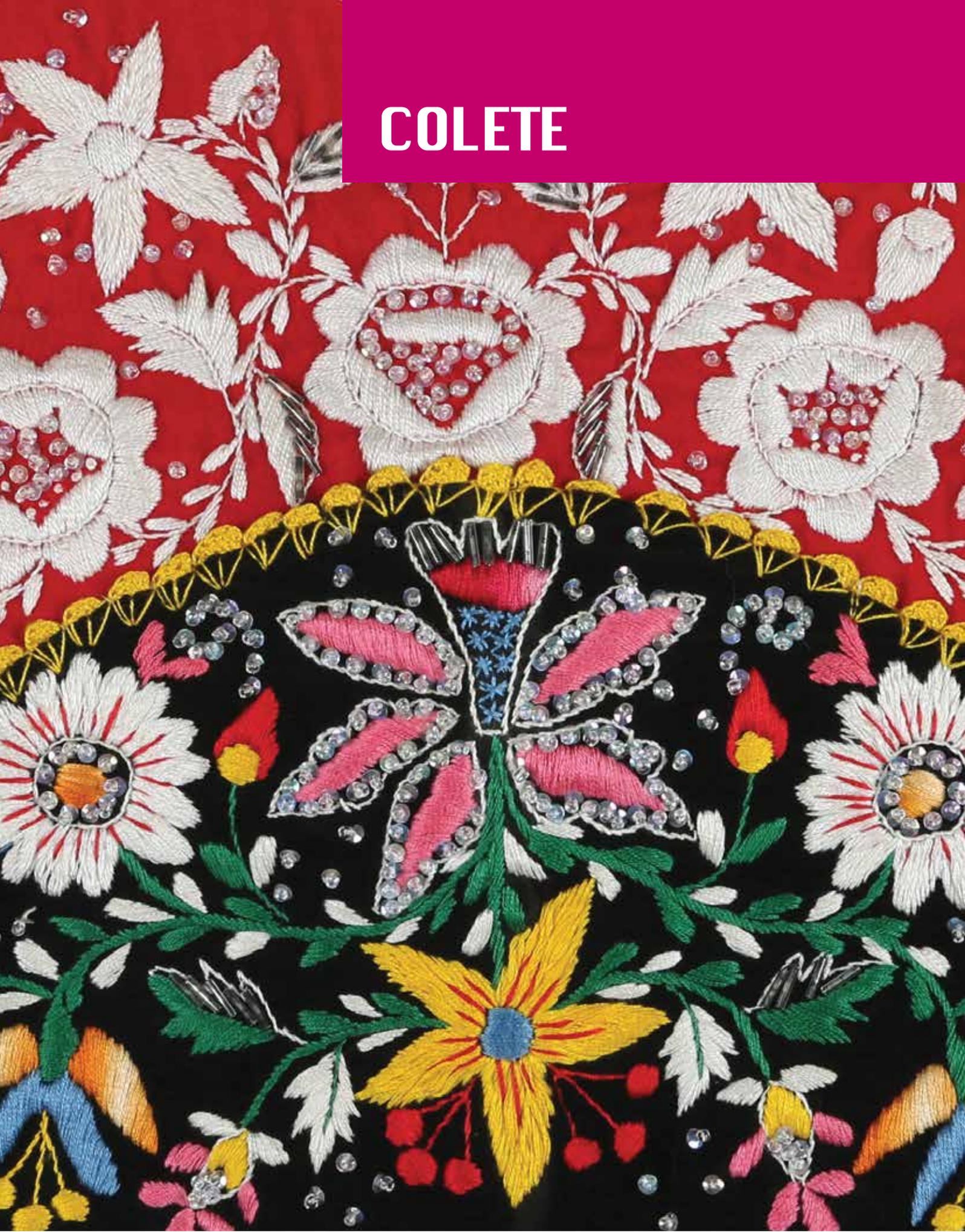








COLETE



O colete é curto, pela cintura ou mesmo um pouco acima, confeccionado em fazenda de lã colorida, vermelha, azul, verde, consoante o fato a que se destina. No interior é forrado com um tecido de algodão, geralmente claro.

Tem, na base, uma barra de veludo, preta ou de uma cor escura, a que se chama “rigor”, a qual se eleva na zona central das costas, para oferecer mais espaço ao bordado. A parte superior da barra é sempre sublinhada por um apontamento bordado que a contorna e a enfatiza (um género de caseado alto, ligeiramente trabalhado), com fitas estreitas de cor lisa enfavadas, com galões, fitilhos ou fio de soutache, missangas e vidrilhos, enquanto o remate da parte de baixo do colete, junto à cintura, se apresenta com um simples debruado da mesma cor da barra ou contrastante. Iguamente, a parte de cima do colete, que pode ser vermelha, azul ou verde, também apresenta um debrum, de fita de nastro, da mesma cor ou contrastante.

Ainda nas costas, a parte de cima do colete – que pouco se vê, pois fica bastante tapada quer com o lenço de peito, quer com o lenço da cabeça, que desce em bico, quase até à cintura - também é bordada mas, geralmente, a branco com pequeníssimos apontamentos de cor.

O decote é amplo e o colete aperta com uma fita de nastro (mas que também pode ser um cordão de seda) que cruza entre ilhós metálicos, dispostos em duas fieiras, uma de cada lado. Na parte da frente, a barra segue o contorno dos seios e apresenta muito menos bordado, o que se compreende pois que o lenço traçado na frente tapa tudo, enquanto que a parte superior, ligeiramente franzida, para acolher os seios, não apresenta qualquer bordado.

O bordado do colete, sempre com motivos florais (podendo integrar o escudo real nas versões popularizadas no século XIX), é feito, nos dias de hoje, sobretudo com linha de algodão perlé, em cores vivas e pode incluir guarnições como missangas, vidrilhos ou lantejoulas. Existem casos em que o bordado é feito, na sua quase totalidade, com missangas coloridas. Os exemplares mais antigos eram bordados a fio de lã ou mesmo a fio de seda a que, para além das guarnições já referidas e que se continuam a usar, se podiam juntar enfeites feitos com fitilhos, fio de soutache e galões.





Os desenhos, quer da barra quer da parte superior do colete, perderam muito da variedade e finura de desenho que chegaram a atingir. Os motivos bordados atualmente são quase sempre os mesmos, variando a conjugação das cores nas diversas flores que compõem o desenho. Estas, para além do branco, são sempre de cores vivas, quer primárias (amarelo, azul, vermelho) quer secundárias como o azul celeste, o cor-de-rosa, o laranja, o roxo e vários tons de verde.

Em resumo, o colete do Traje à Vianesa – Viana do Castelo

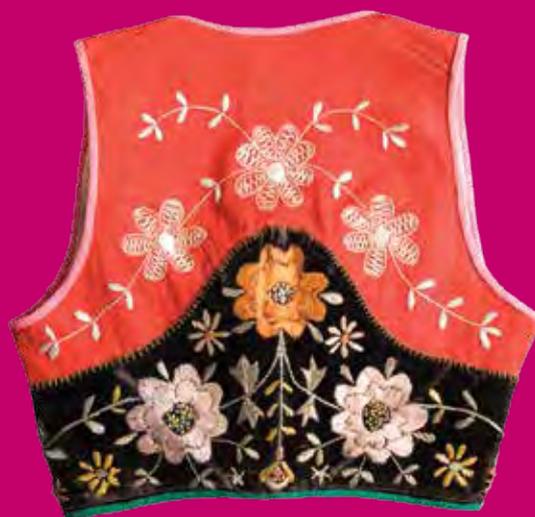
- é curto, pela cintura ou um pouco acima
- é de fazenda de lã colorida
 - vermelha
 - azul
 - verde

consoante o fato a que se destina

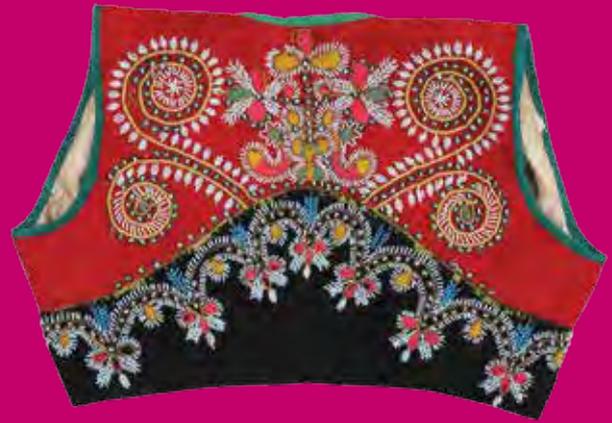
- tem, na base, uma barra (“rigor”) de veludo, preta ou de uma cor escura, a qual se eleva na zona central das costas, e que é contornada no seu limite superior por um apontamento bordado e no limite inferior, na linha de cintura, apresenta um debruado simples
- é profusamente bordado nas costas, sobretudo no rigor, com motivos florais, podendo ainda integrar o escudo real nas versões popularizadas no século XIX
- os seus bordados são feitos com linha de algodão perlé, lã, seda natural ou missangas, podendo também conter lantejoulas e vidrilhos
- o bordado do “rigor” é, em regra, muito colorido e apresenta diversos motivos, enquanto que o da parte superior é, na maioria das vezes, branco e menos variado, em que um motivo se repete
- tem decote amplo e aperta com fita de nastro ou cordão de seda que cruza entre ilhós metálicos, dispostos em duas fieiras, uma de cada lado, como um espartilho.









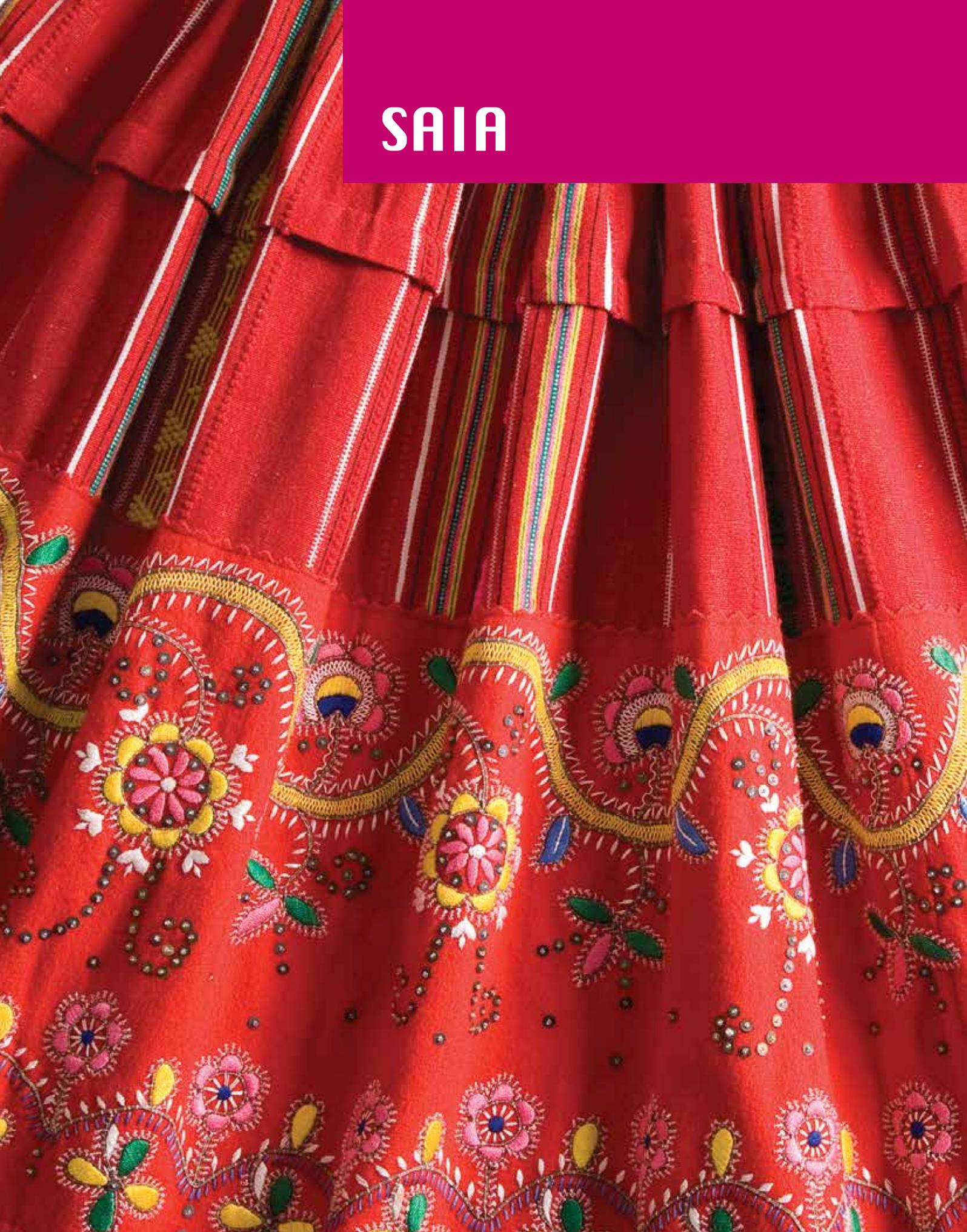








SAIA





A saia do Traje à Vianesa – Viana do Castelo é feita com três a quatro metros de lã, natural ou com mistura (a fibra misturada nunca pode ser em percentagem superior à da lã) e tecida em tear manual. Apresenta sempre listas de cores, verticais, que contrastam com o tom base da saia que pode ser vermelho, azul forte, azul-escuro, preto ou verde. Há contudo que ter em atenção que muitas das saias ditas “azul-escuro” têm, efetivamente, o fundo negro, onde se destacam riscas de outras cores em que predomina o azul-escuro.

Mas a saia não se resume àqueles metros de tecido de lã, que tem uma largura média que ronda os 65 centímetros a qual é insuficiente para assegurar a sua altura. Esta, nos dias de hoje, deve chegar um pouco abaixo do meio da perna, mas, na época em que o traje se definiu, ia até ao tornozelo. Assim, a saia precisa sempre de ser aumentada na altura (porque os teares são estreitos), o que conduziu à definição de dois acréscimos. O acréscimo inferior chama-se “forro” e, o superior, “cós”.

Apesar de se tratar da saia de um traje rico, de festa, a salvo dos riscos de uma utilização mais quotidiana ligada ao trabalho no campo, em que as silvas e a lama causariam os maiores danos, ter-se-á mantido, inconscientemente, um entendimento do “forro” (que, naturalmente, também aparece nos trajes de trabalho) como um acréscimo sujeito a ser mais danificado. Será talvez o que explica que, quando o forro começa a ser enriquecido com uma silva bordada, esta se localize na sua parte superior, junto à costura que o liga ao resto da saia, pois é o local onde esta ficaria mais “protegida”. Só assim se compreende que, um elemento que vai valorizar a saia, se situe onde menos efeito faz, bem junto à vibrante tecelagem do resto da saia e que, à frente, nem se veja, ocultado pelo avental.

De início o “forro” não apresentava qualquer decoração pois não era bordado. Depois, nalguns locais, começou a ser bordado, a princípio com uma “silva” branca, discreta mas que, progressivamente, foi ganhando maior expressão (uma “silva” corresponde a um motivo vegetalista que se desenvolve como uma linha ondulada que “suporta” e organiza os outros elementos do desenho).



Mas, como sempre acontece, esta situação foi evoluindo e hoje coexistem as várias situações: “forro” sem bordado (como acontece, sempre, em Afife e Carreço e, ocasionalmente, noutros casos), “silva” no topo superior do “forro” (Meadela, Santa Marta de Portuzelo e Areosa), “forro” com duas “silvas” (Areosa e Santa Marta de Portuzelo), “forro” com uma única “silva”, muito desenvolvida, a ocupar todo o espaço (Cardielos).

O “forro” da saia é sempre de fazenda de lã, preto, com exceção da Areosa, onde é sempre vermelho e de Afife onde é, quase sempre, azul-escuro. Este “forro” escuro apresenta, muitas vezes, do lado do avesso, um outro tecido mais leve, de algodão, ou seja o “forro” é forrado. Inicialmente feitos, em grande parte, de lã, os bordados que agora decoram o “forro” são feitos a fio de algodão, branco ou de cores variadas a que pode acrescer o uso de missangas e lantejoulas.

Nos exemplares mais antigos, verifica-se que a altura do “forro” nunca excede os 30 centímetros, sendo muito comum a altura de 25 centímetros. Atualmente assiste-se ao seu aumento, o que compromete o equilíbrio do traje, nomeadamente, tirando visibilidade ao maravilhoso trabalho de tecelagem da saia. Como as estaturas são diferentes, implicando saias de tamanhos diversos, mais do que estabelecer um tamanho fixo para o forro, parece ser de recomendar que a altura do forro não ultrapasse o terço da altura total da saia.

A fazenda do forro, finamente recortada em “bicos”, como um denteado de serra, apõe-se ao tecido da saia, sendo, então, cosida, sem bainha, para se notar o denteado. Na parte de baixo pode ser rematada com fita de nastro ou com bainha.

A parte superior da saia, o cós, corresponde a um acréscimo cosido ao pano da saia. Nas saias muito antigas, o cós definia-se no próprio tecido da saia. Junto a uma das orelas do tecido, a tecedeira considerava uma faixa que não “tapava” com lã, mas com algodão. O tecido ficava, assim, nessa pequena faixa de uns 10/12cm, mais fino e maleável, mais fácil de franzir, de definir as chamadas “pregas de enfiada”. Todavia, tal exigia teares mais largos, por conseguinte, mais pesados, pelo que agora cose-se uma tira, também tecida, onde se definem as “pregas de enfiada”. As “pregas de enfiada” presentes no cós, finamente cozidas umas às outras constituem, muitas vezes, a base de elaborados trabalhos de favos, o ponto smock dos ingleses, que muito valorizam esta parte da saia.

Toda a saia, com exceção da abertura, era rematada com fita de nastro, a qual, tanto na barra como no remate da cintura podia ser igual ou contrastar com a cor base da saia. Nos nossos dias assiste-se a um retrocesso do uso do debrum inferior, onde um pespontado à máquina cria um relevo na fímbria da saia. Duas fitas de nastro prolongam o remate da cintura as quais, apertando-se, seguram a saia. Todavia, em muitos casos, uns grandes colchetes ajudam nessa função, pois a saia é muito pesada.

A costura do pano da saia não é cosida na totalidade, pelo que se define uma abertura, a qual, virada para a frente, fica tapada pelo avental.

Nalguns casos, por gosto pessoal ou porque a saia passou para alguém de mais baixa estatura, há necessidade de encurtar a saia, o que se faz a meio dela. Podem ocorrer duas situações. Num primeiro caso, o “tomado” faz-se para dentro. Quando tal acontece, a costura é disfarçada e decorada ou com mais uma tira tecida que se recorta, se debrua e se borda ou com uns “machinhos” feitos em fita de nastro, a que Cláudio Basto chamou “fita encanudada”. Quando “o tomado” fica do lado de fora, transforma-se num pequeno “macho” que se pesponta. Em qualquer dos casos, a costura reforçou-se, transformando-se num elemento que além de decorar, ajuda a armar a saia.



Se a cor e a decoração do “forro” constituem importantes elementos distintivos na consideração das várias tipologias do Traje à Vianesa – Viana do Castelo, o tecido da saia constitui um testemunho ímpar da criatividade das tecedeiras locais, tal a vibração que lhe imprimem. Existe sempre uma cor base que, como já foi dito, será uma das seguintes: vermelho, azul forte, azul-escuro, preto ou verde. Todavia, à medida que vai tecendo, a tecedeira vai introduzindo outras cores, que formam riscas, as quais podem ser decoradas com “puxados”. As riscas têm larguras diversas e poder-se-ia pensar que se organizariam em padrões segundo as freguesias onde são usadas. Mas, tal não se verifica. A grande distinção dos tecidos para as saias reside, unicamente, na sua cor de base.

Em suma, a saia do Traje à Vianesa – Viana do Castelo

- é de lã, natural ou mistura (desde que a lã seja sempre predominante), e tecida artesanalmente
 - é sempre listada, sendo que a cor de fundo (predominante) pode ser
 - vermelha
 - azul forte
 - azul-escuro
 - preto
 - verde
- consoante a tipologia do traje a que se destina
- as riscas podem ser de cores variadas (amarelo, rosa, branco, verde, roxo, entre outras) e decoradas com “puxados”
 - tem cós, que deve ter entre 10 e 12 cm de altura e que pode ou não ser cosido, com “pregas de enfiada”
 - ostenta, muitas vezes, bordados no cós
 - tem sempre uma faixa no fundo a que se chama “forro” e que é preta na maioria dos casos, vermelha no caso do traje da Areosa ou azul-escuro ou preta (no caso do traje de Afife), que se apresenta lisa ou bordada e que é recortada em “bicos” na parte que liga à tecelagem
 - a altura do “forro” não deve ultrapassar o terço da altura total da saia
 - tem uma abertura para facilitar o vestir
 - é debruada a fita de nastro
 - apertada com fita de nastro e colchete
 - a altura da saia deve chegar um pouco abaixo do meio da perna









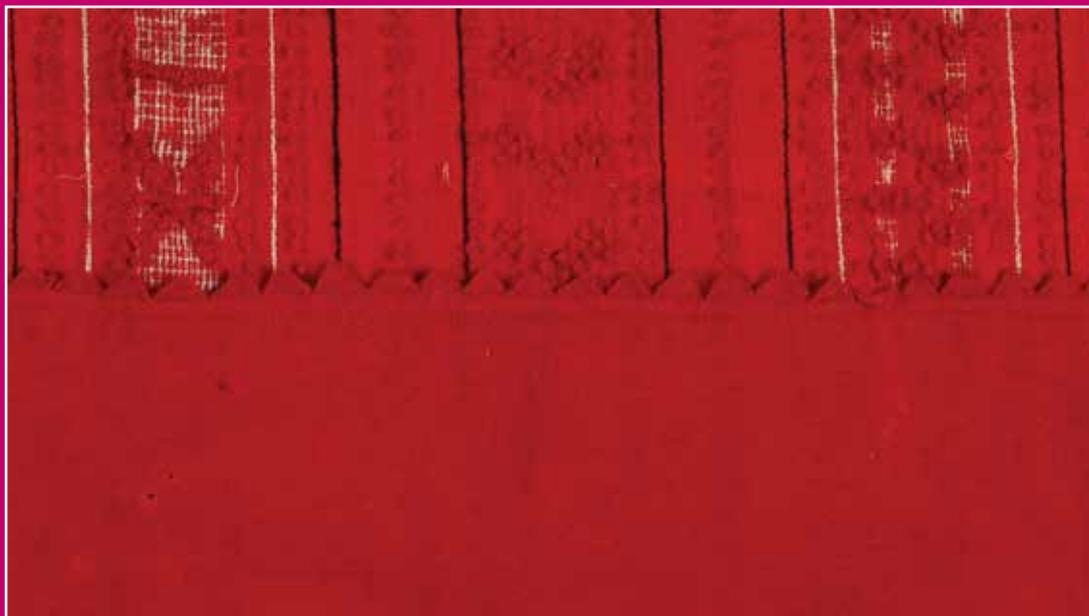






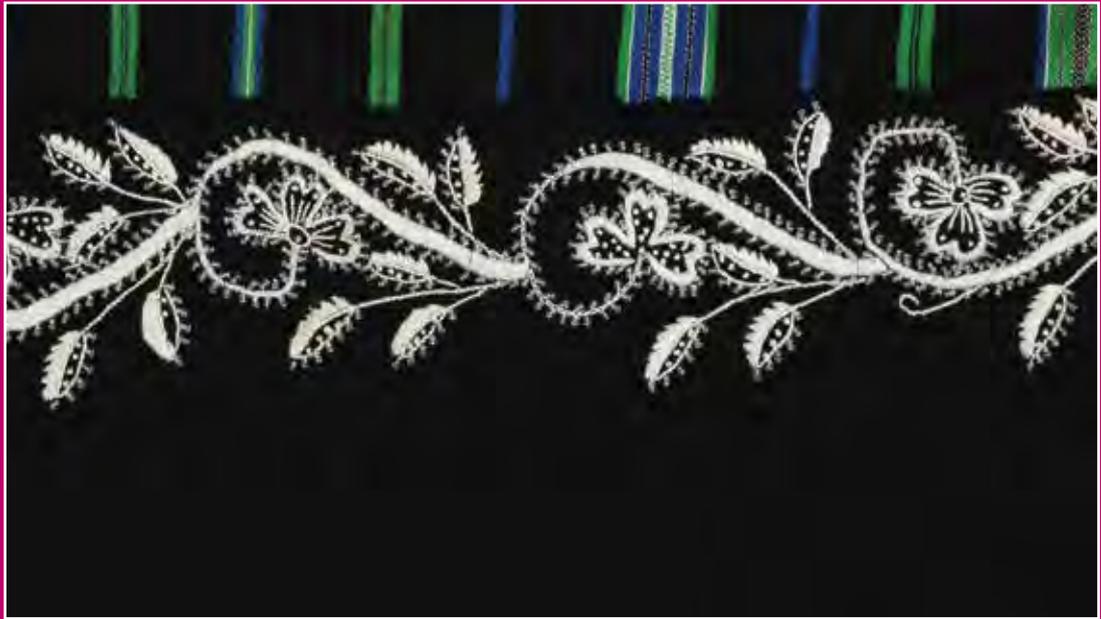






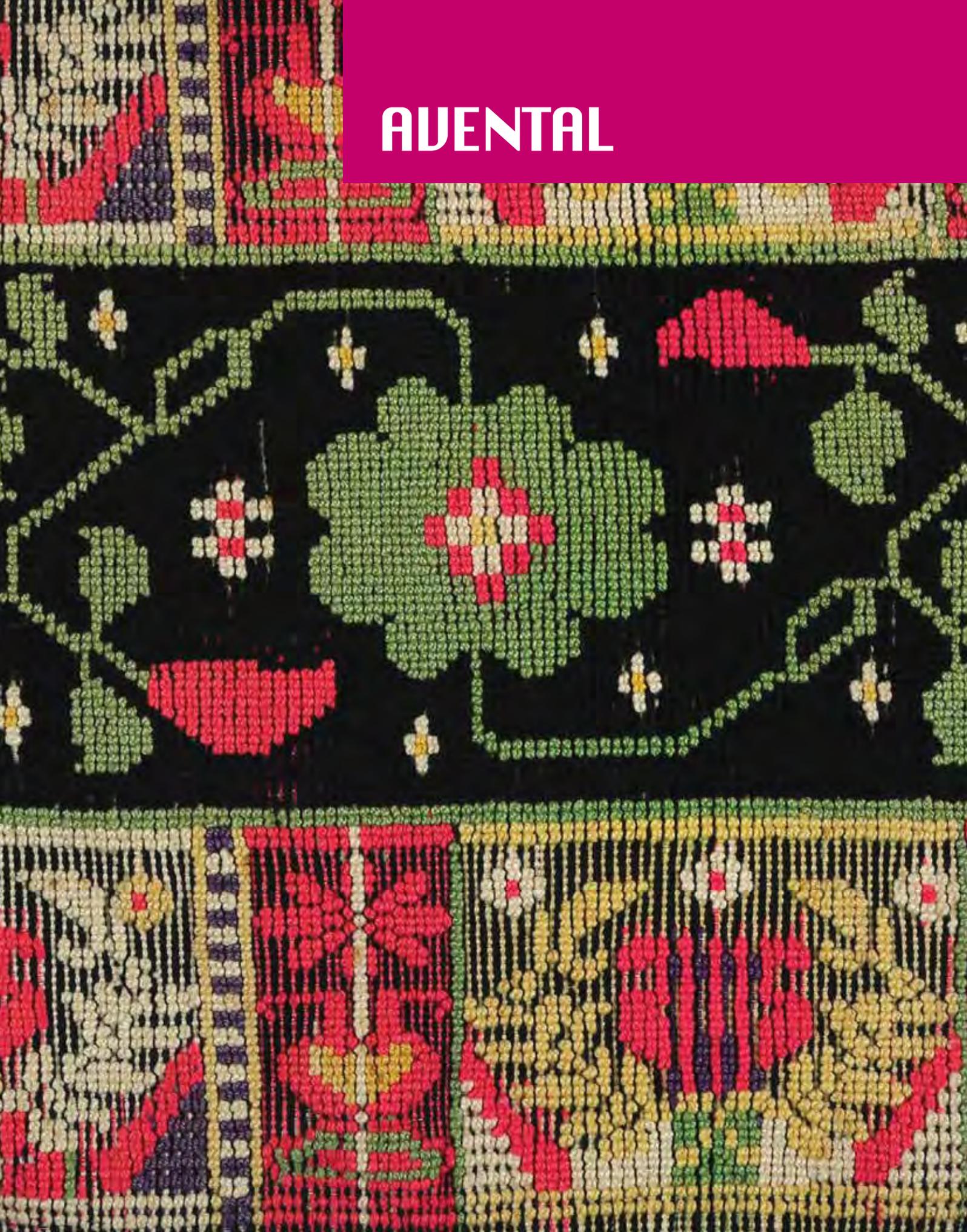








AVENTAL





O avental do Traje à Vianesa – Viana do Castelo é de lã (natural ou de mistura, desde que a lã seja predominante), tecido em tear manual. É constituído por duas partes: uma parte superior, o cós (entre 10 e 12 cm), a que alguns chamam “trincha”, finamente preegada, rematada por um debrum de cor contrastante, onde se ligam as fitas de nastro que seguram o avental, e o avental propriamente dito. Com exceção do caso de Afife (em que o avental é simples, de tecido listado), os aventais apresentam dois tipos de decoração muito diversos: na parte superior um padrão de riscas, na parte inferior desenhos florais ou geométricos, “bordados” a lã. Apresenta, sempre, uma decoração em que, à variedade de colorido, acresce o trabalho de puxados feitos ao tear.

Tal como acontece com as saias, os aventais são por vezes encurtados. A costura da prega que é necessária nessa finalidade, também é decorada segundo as mesmas técnicas: ora introduzindo-se ali uma fita de tecido de tear, recortada e decorada, ora cosendo uma fita “encanudada”, “beijinhos” como lhe chamam em Cardielos.

O avental é rematado com uma bainha simples, ou debruado a direito com uma fita de nastro simples. A bainha pode ser enfeitada com bordado ou com os já referidos “beijinhos”. Também pode não ter nenhuma destas decorações.

O cós do avental é geralmente bordado. Palavras como Amor, Viana, iniciais, nomes ou datas são recorrentes, sendo que também se bordam motivos variados (coroas reais, cruzeiros, flores, etc). Atualmente assiste-se a uma diminuição do tamanho do cós o que tem como consequência a perda de importância do seu bordado. Como já atrás se disse, o cós do avental deverá ter entre 10 a 12 cm de altura.

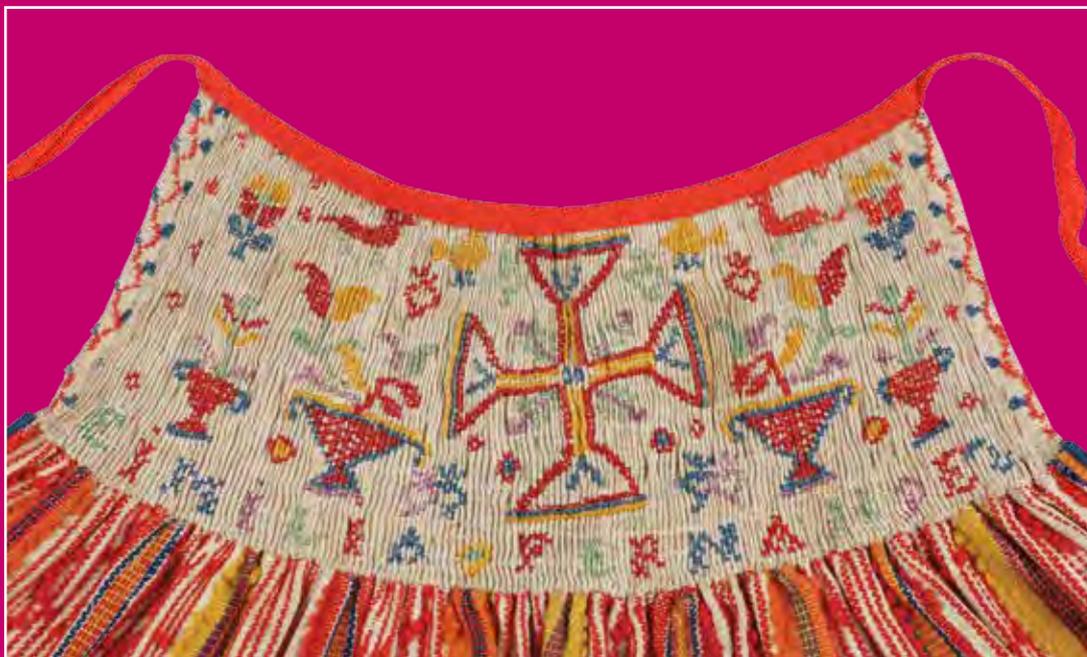


Os motivos que mais recorrentemente podem ser encontrados na tecelagem dos aventais do Traje à Vianesa – Viana do Castelo são florais/vegetalistas e geométricos, ambos “bordados” com puxados e recorrendo a cores fortes e diversas. Antigamente predominavam os quadros geométricos, bem organizados e com uma seleção de cores apurada; hoje ganha adeptos o padrão das rosas, mais vistoso e efusivo mas menos interessante.

Em resumo, o avental do Traje à Vianesa – Viana do Castelo

- é de lã natural ou mistura (desde que a lã seja predominante), tecido em tear manual
- é constituído por duas partes
 - o cós pregueado, que deverá ter entre 10 a 12 cm de altura e que muitas vezes ostenta bordados
 - o corpo do avental, onde, por sua vez, se distinguem duas partes: uma superior, logo a seguir ao cós, listada e outra com maior expressão, na parte inferior, muito colorida e decorada com padrões geométricos ou florais. A dividir estas duas partes pode encontrar-se um “tomado”, uma fita encanudada ou enfavada ou uma tira de tecelagem (também ela recortada e decorada) sobreposta ou um galão. Também pode não haver nada a marcar as duas partes e a distinção provir do próprio trabalho de tecelagem. Em todo o corpo do avental se utilizam os “puxados” e “moscas” a sublinhar as decorações tecidas
- é debruado a fita de nastro em cima, fita que serve para atar o avental
- é rematado por bainha ou debruado com fita de nastro





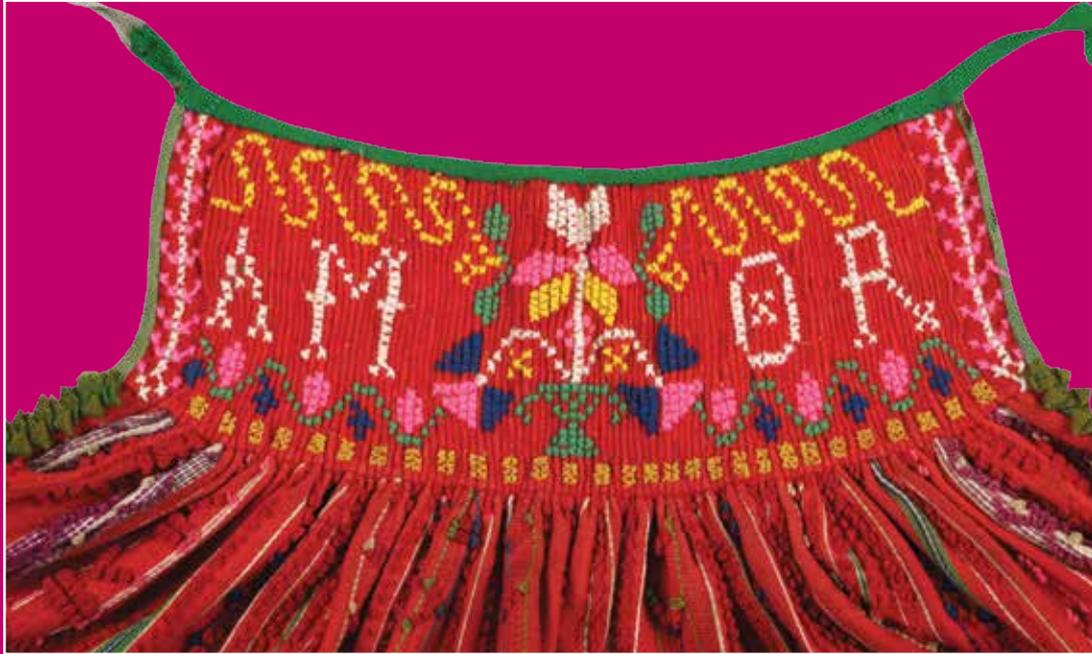




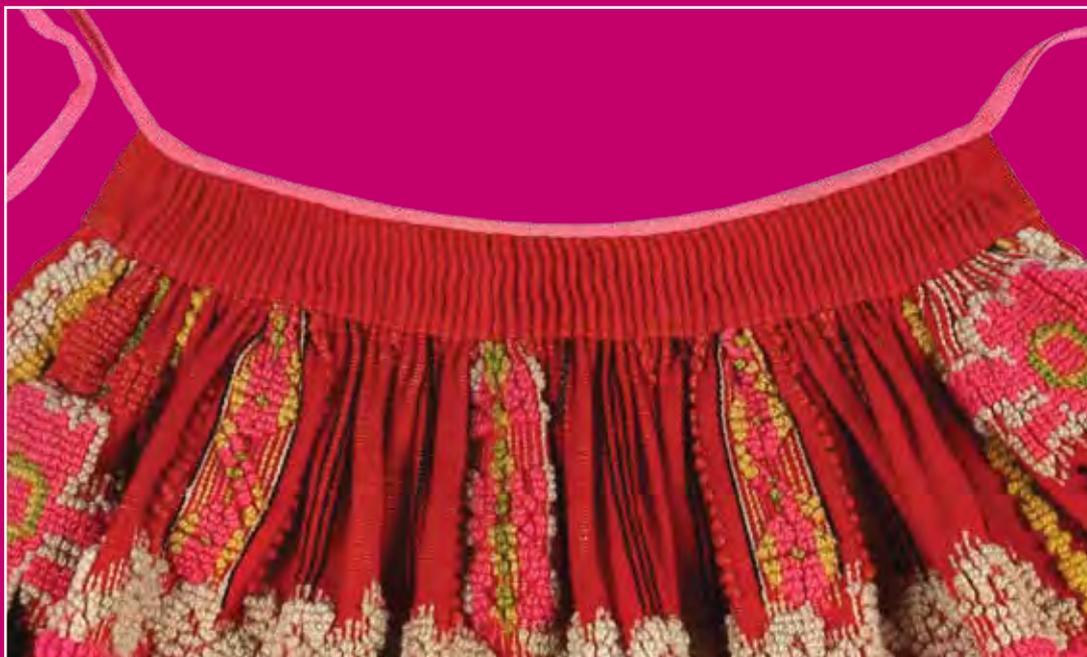




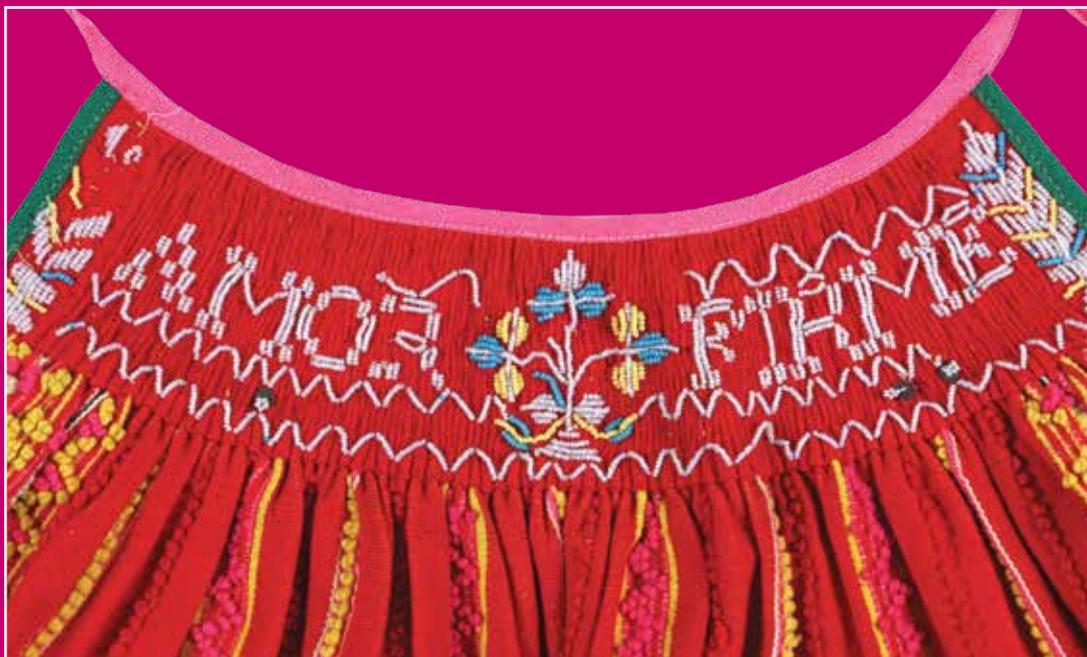












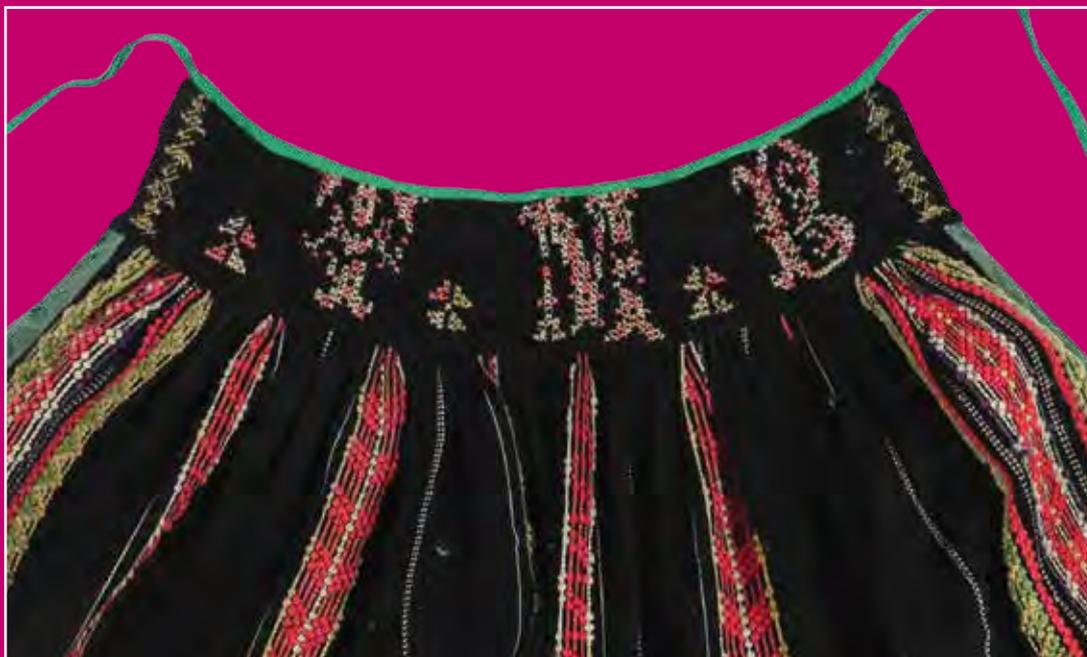








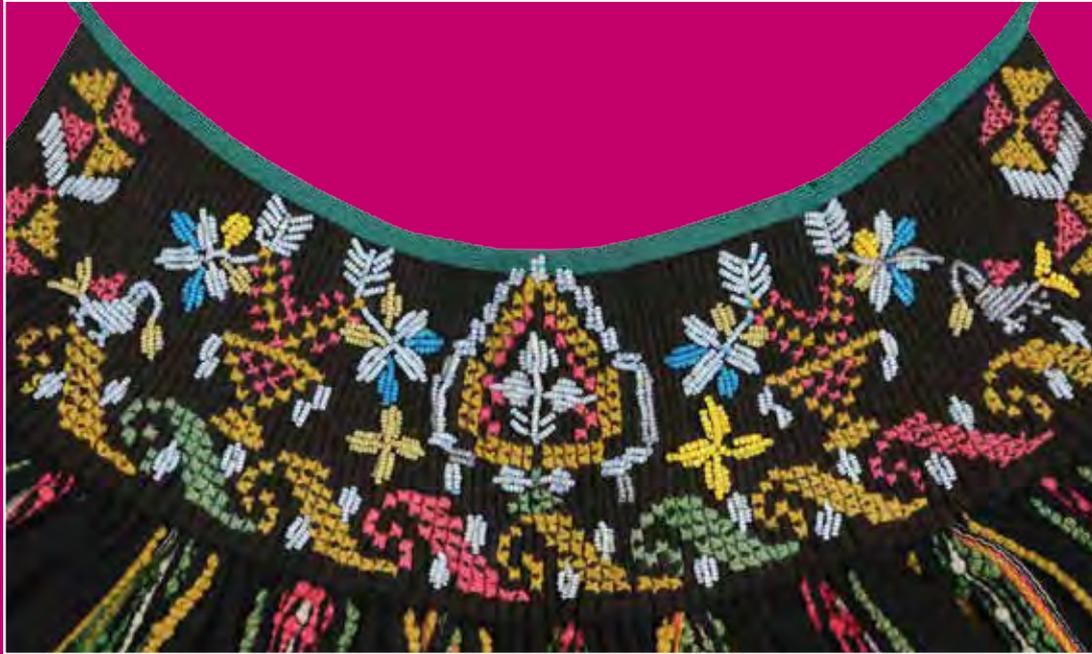






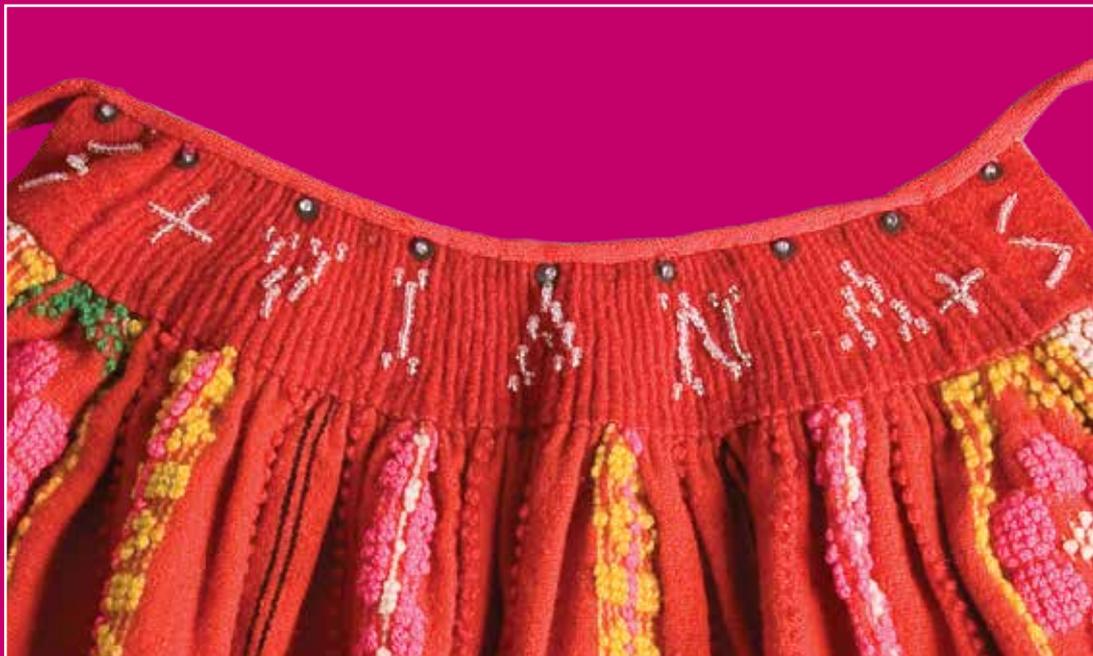








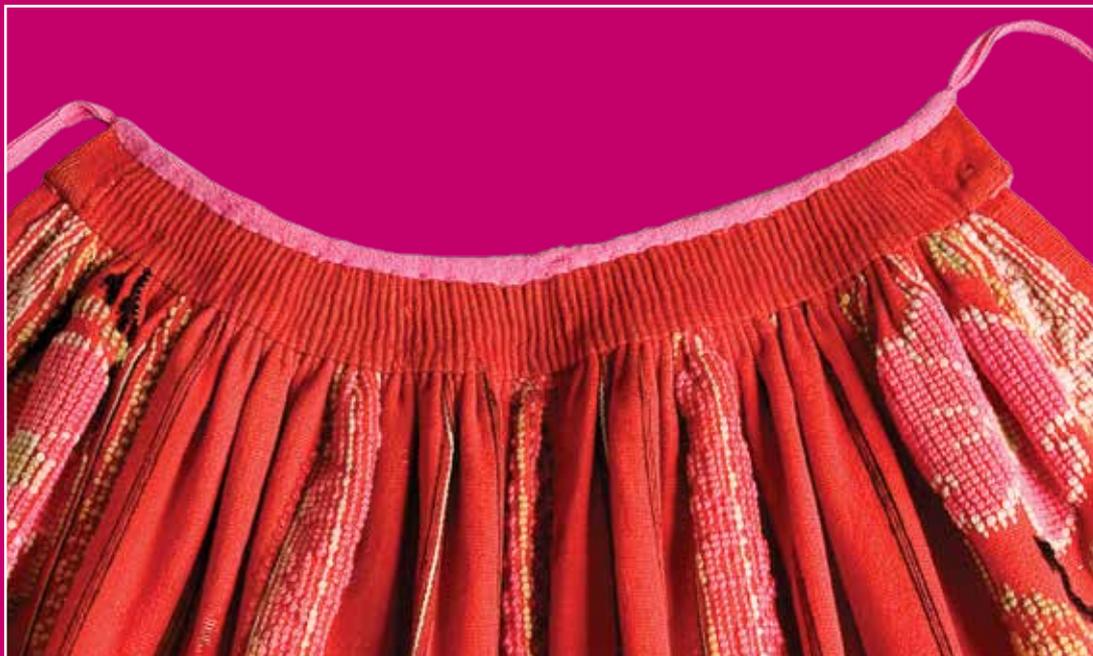


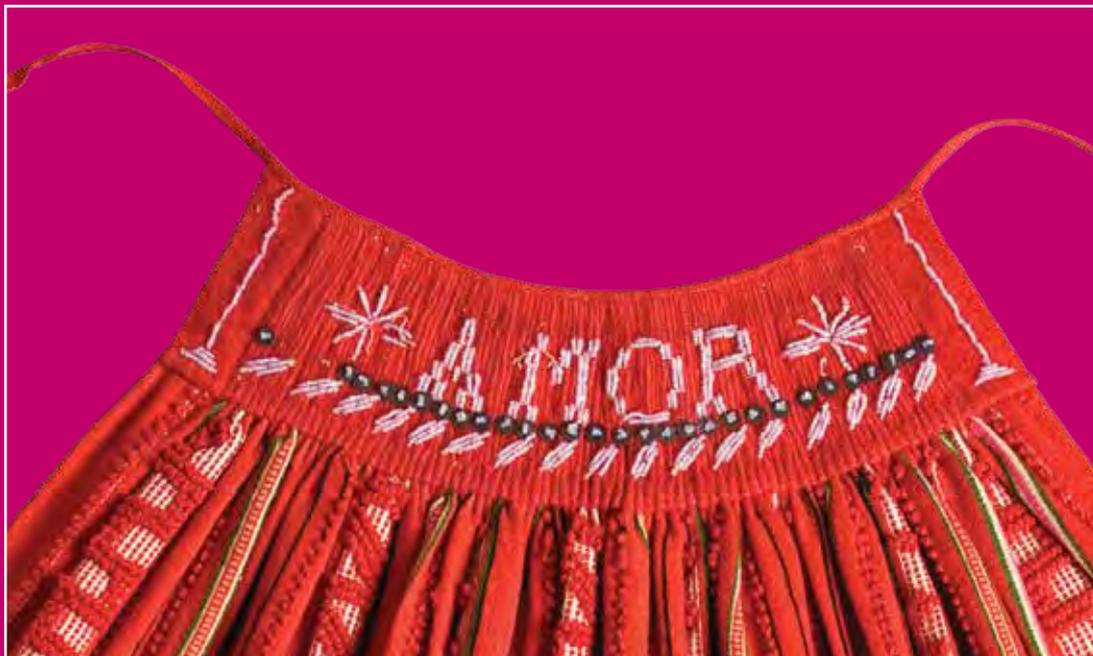








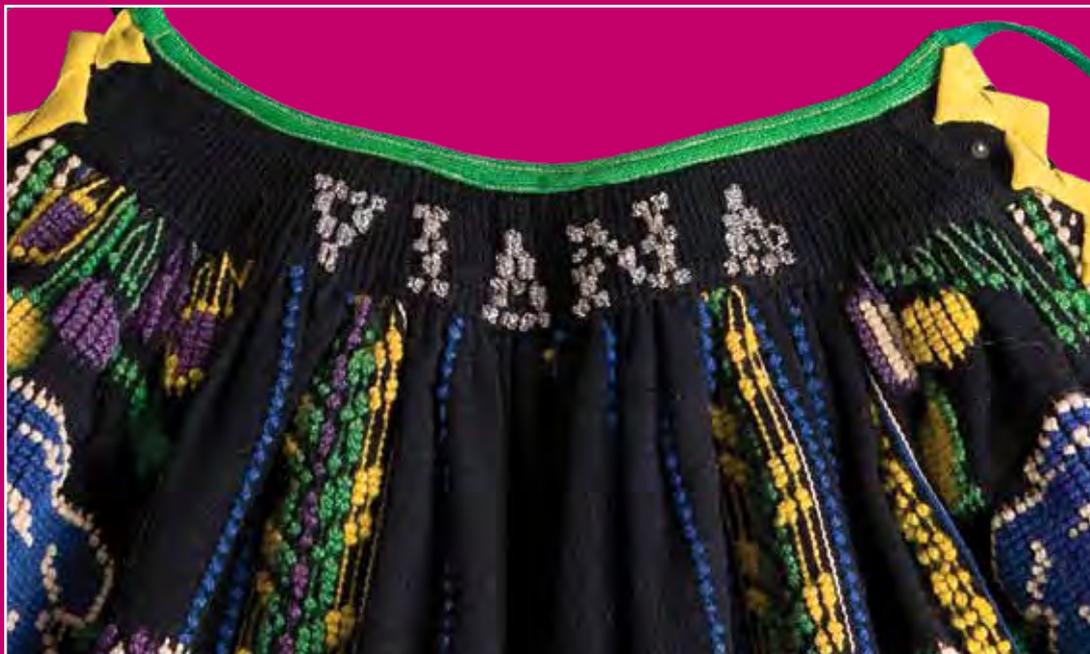




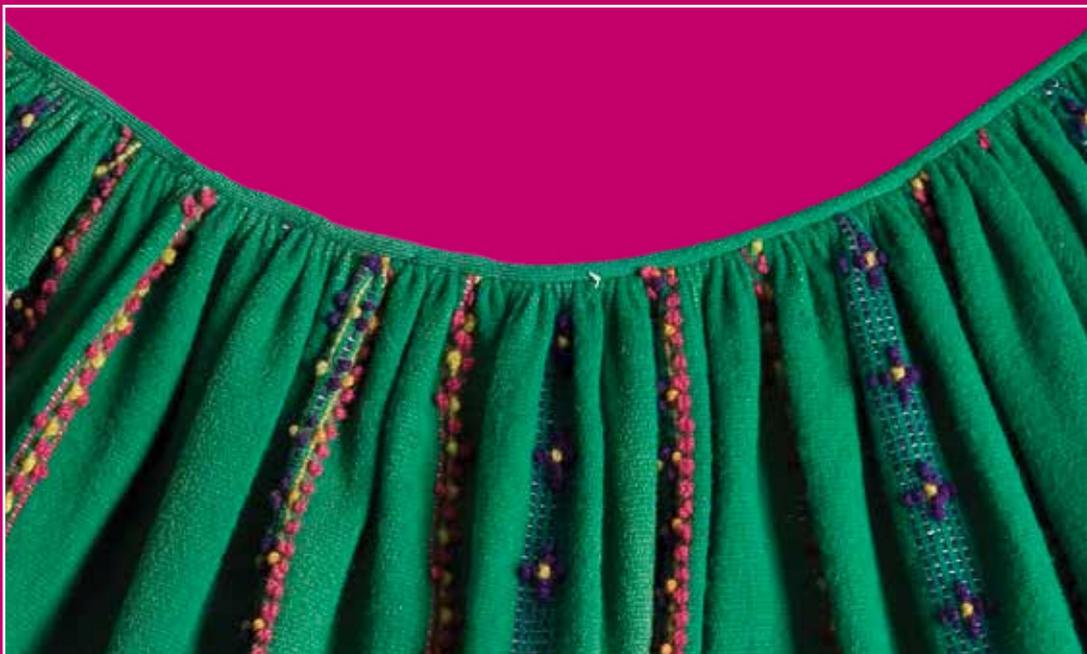












ALGIBEIRA



A algibeira é talhada em flanela vermelha, azul, verde ou preta em forma dita de “coração”. A zona central da “boca” é sempre de veludo preto. Todavia, os tecidos de base quase não se percebem devido ao excesso de decoração bordada, onde abunda o emprego de missangas. Pode também ter um bolso interior, o “segredo”.

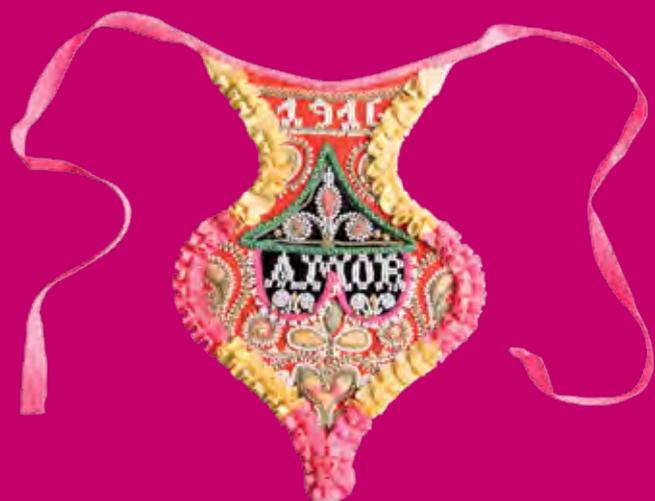
No bordado da algibeira é vulgar encontrarem-se palavras como “AMOR” ou “VIANA”, letras ou algarismos.

O remate é feito com bordado a missanga ou a fitilho, ou com fita de nastro armada. O topo da algibeira é debruado com fita de nastro que se continua nos atilhos, com que se ata à cintura.

Esta preciosa algibeira usa-se do lado direito do corpo, semitapada pelo avental. A algibeira é outra das peças do Traje à Vianesa – Viana do Castelo que é intermutável, ou seja, qualquer que seja a sua decoração é usada indistintamente em todas as tipologias do traje à vianesa, desde que respeitada a cor base do tecido em que é feita. Somente no caso de Afife, como adiante se explicitará, tal não se verifica. No caso de Geraz do Lima, geralmente não é usada algibeira.

Assim, a algibeira do Traje à Vianesa – Viana do Castelo

- é de flanela vermelha, azul, verde ou preta
- tem forma dita de “coração”
- a sua “boca” é sempre de veludo preto
- pode ter um bolso interior, o “segredo”
- é profusamente bordada, sobretudo e na maioria dos exemplares, com missangas, vidrilhos e lantejoulas mas pode aparecer algum bordado a fio de algodão mercerizado nº8, a lã ou fio de seda natural
- pode ter bordadas datas ou palavras (como Amor e Viana) letras ou algarismos
- é rematada com bordado de missanga ou a fitilho ou fita de nastro armada
- é debruada, na parte superior, com fita de nastro que constitui o atilho para atar à cintura
- a algibeira usada em Afife difere deste cânone
- no traje verde de Geraz do Lima pode não se usar algibeira









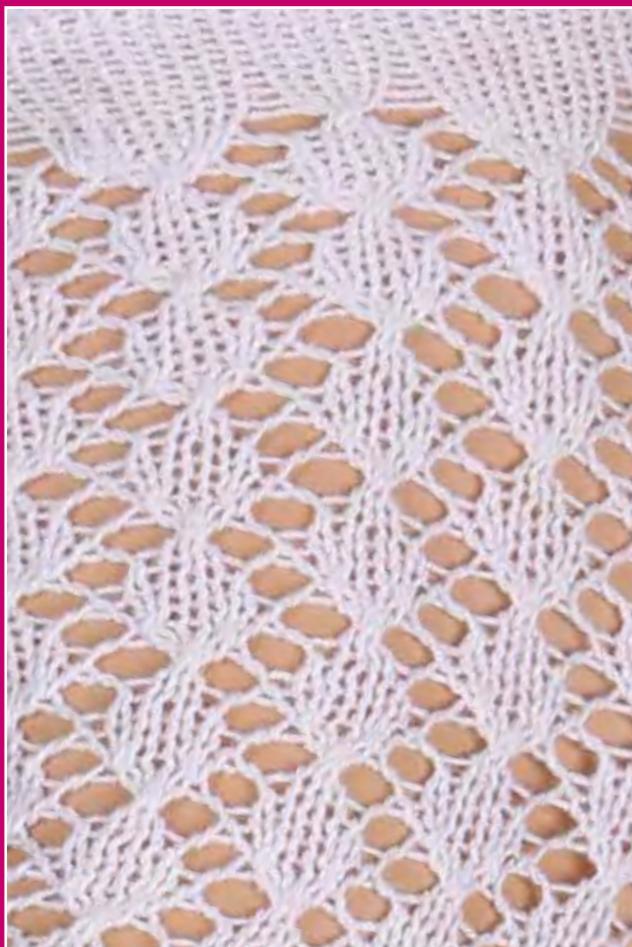
The background of the entire page is a close-up of a white lace fabric. The lace features a repeating pattern of interconnected loops and small, circular holes, creating a delicate and intricate texture. The lighting is even, highlighting the fine details of the threads.

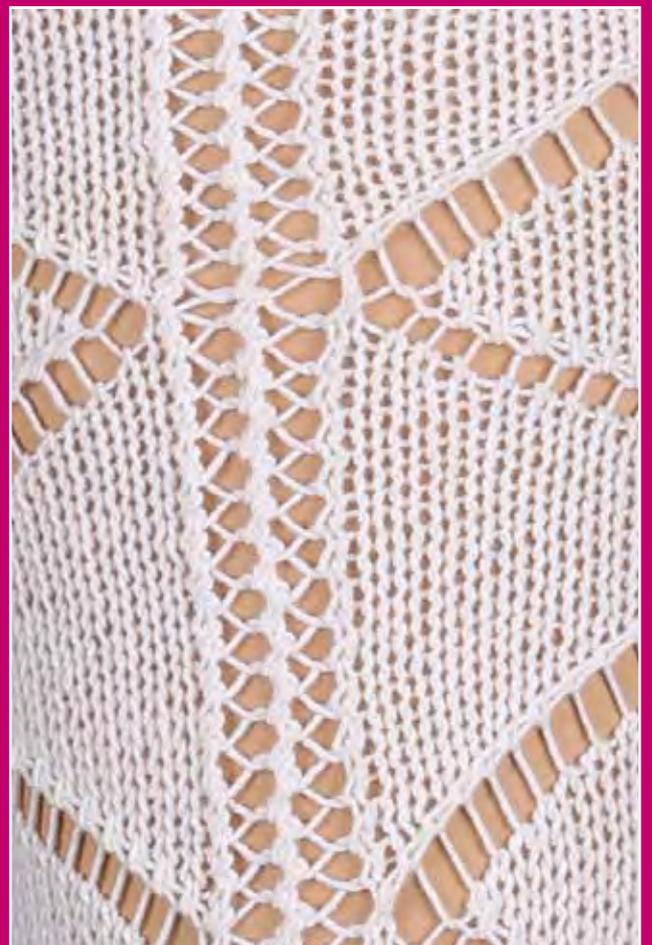
MEIAS

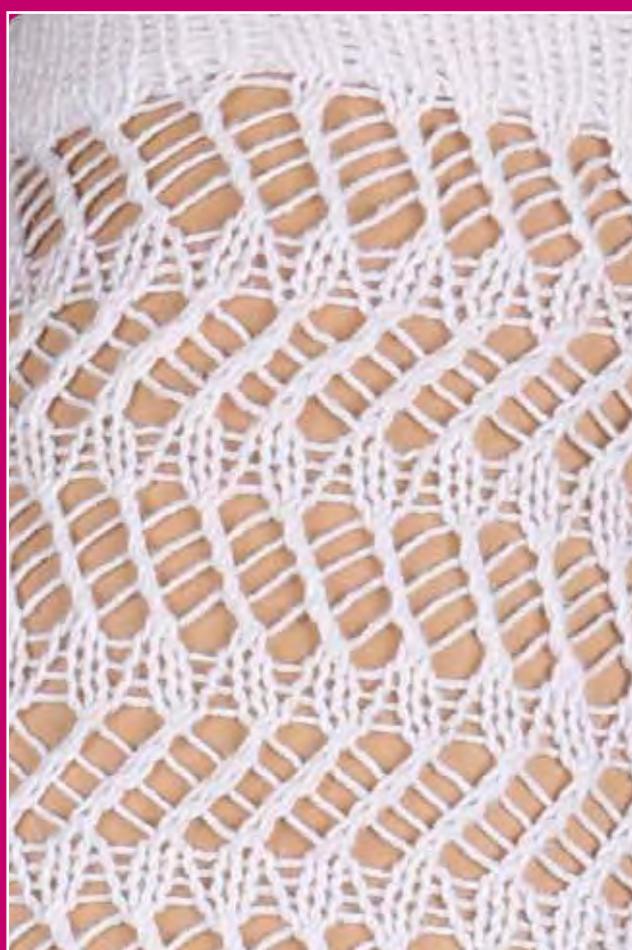


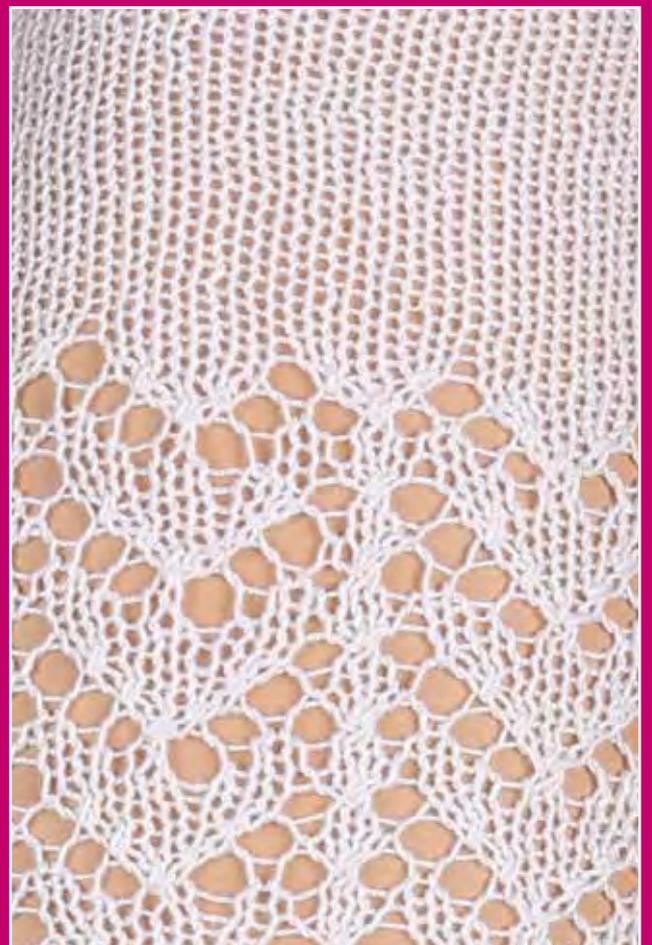
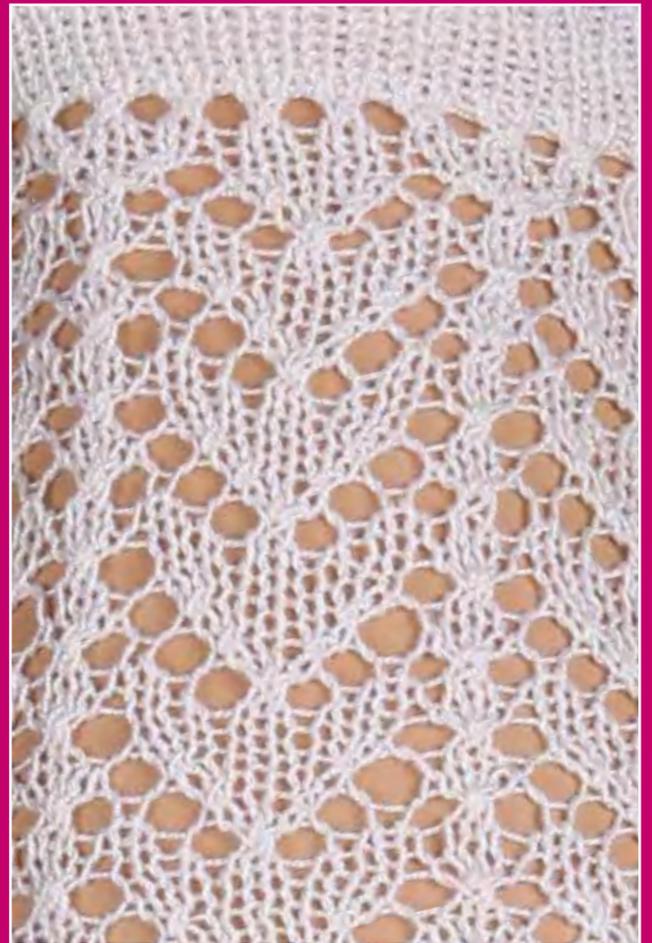
As meias são sempre brancas, em renda manual de fio de algodão, que pode ser lisa (no caso de Afife) mas, quase sempre é trabalhada. Segundo Maria Emília Sena de Vasconcelos no seu trabalho “Falando de Meias”, há pelo menos trinta e cinco pontos de renda que se usam na confeção das meias do Traje à Vianesa – Viana do Castelo.

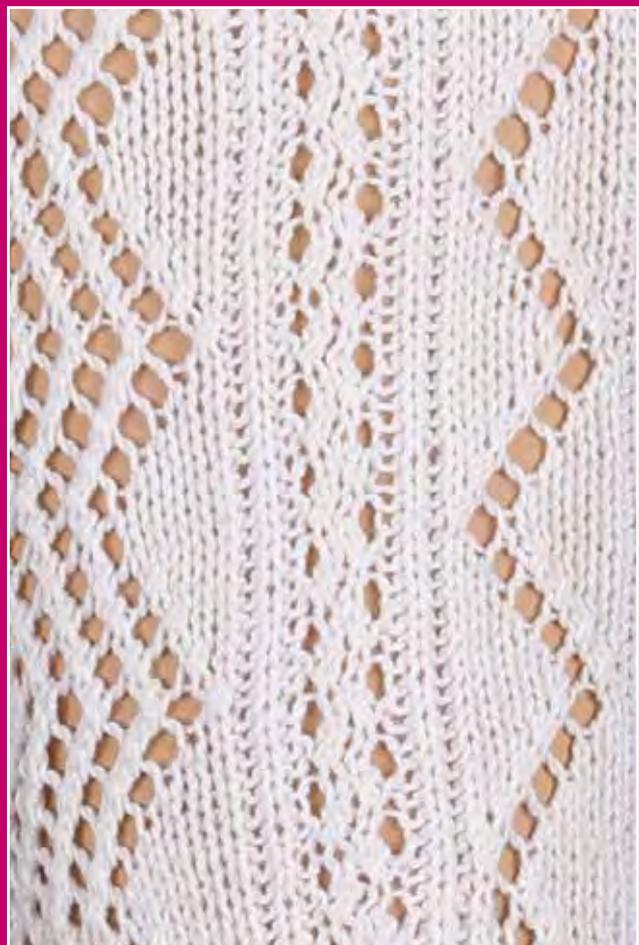
A altura das meias deve ser, no mínimo, até ao joelho.

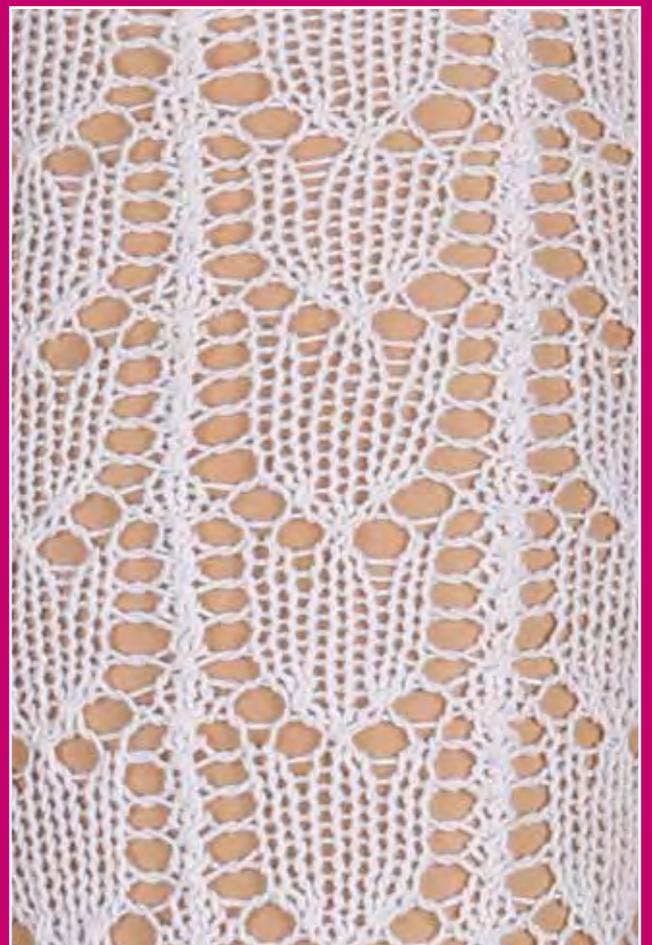


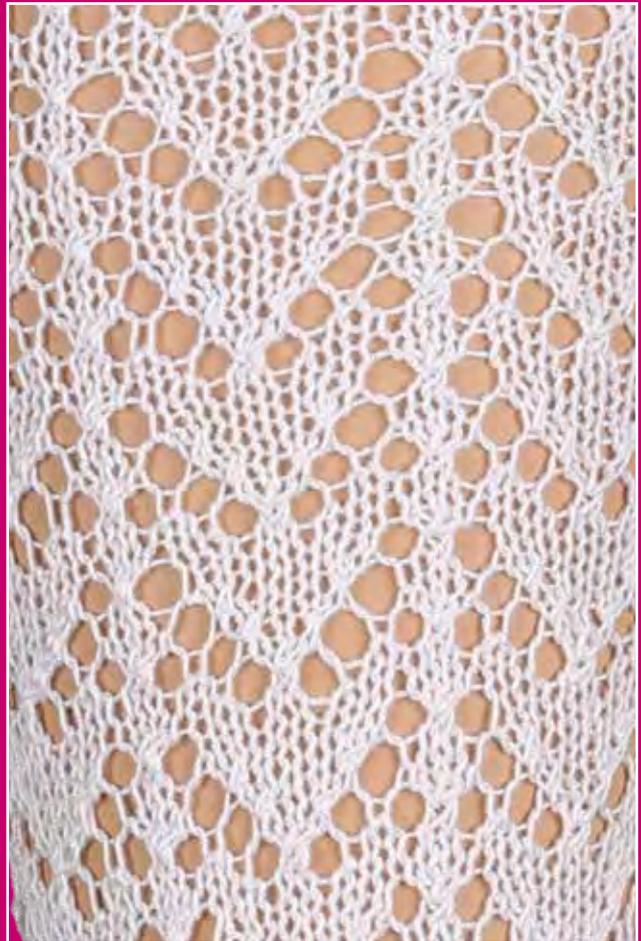
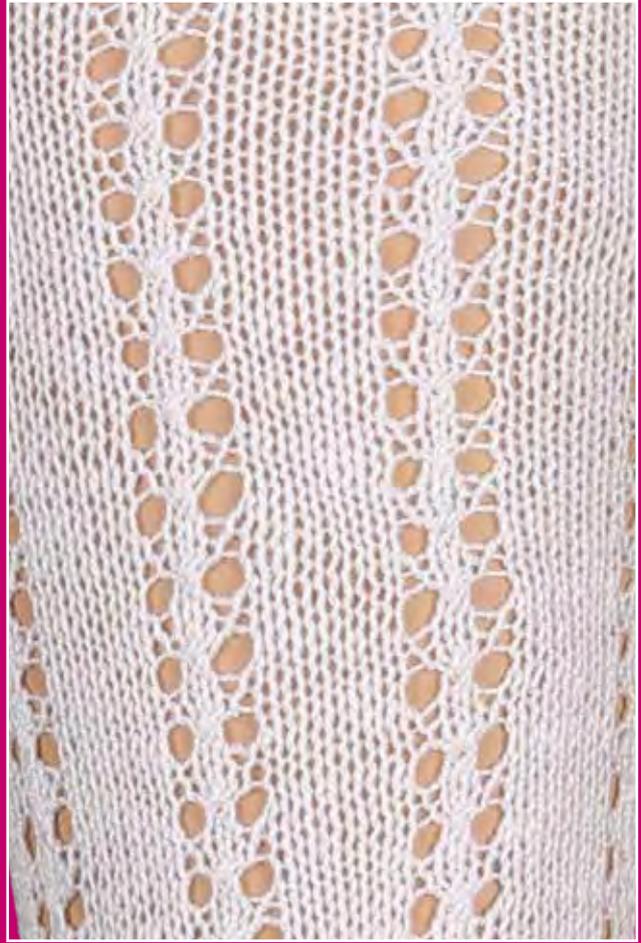














CHINELAS



As chinelas são de manufatura artesanal, com a sola em madeira e a gáspea em calfe natural ou sintético. Estas últimas, sempre envernizadas, podem apresentar-se bordadas. As chinelas são forradas a branco. Também podem ser em camurça.

Podem apresentar-se lisas, com lacinho ou fivela, ou bordadas. O bordado começou por ser só branco mas, atualmente, ganharam preferência as chinelas bordadas a várias cores vivas.













De seguida descrevem-se as características específicas dos diferentes modos de usar o Traje à Vianesa – Viana do Castelo:

- Afife
- Areosa
- Santa Marta de Portuzelo
- Geraz do Lima

Também se referem algumas sub-categorias, inspiradas e influenciadas pelas atrás referidas, e que lhes são, no geral, idênticas, mas que podem diferir num ou noutro aspeto secundário. Falamos de Perre, Outeiro, Meadela, Cardielos e Serreleis, Carreço e, mais recente, S. Lourenço da Montaria, Amonde e Freixieiro de Soutelo.

Por fim aborda-se o traje escuro (azul-escuro), que existe em todas as modalidades referidas anteriormente e que se caracteriza pela predominância dos tons escuros – preto, azul-escuro, roxo -, seguindo, no restante, as características gerais do Traje à Vianesa – Viana do Castelo e, mais especificamente, as da tipologia de Santa Marta de Portuzelo.

AFIFE

Afife é o nome da freguesia simultaneamente mais norte e litoral, onde até há pouco tempo predominava uma economia ligada à agricultura. De todas as possíveis variantes do Traje à Vianesa – Viana do Castelo, foi aqui que se definiu e se manteve o Traje na sua expressão mais sóbria:

- saia vermelha com finas riscas verticais pretas e brancas (listões vermelhos com um fio longitudinal ao meio de cor preta, alternam com listas pretas menos largas que têm, também a meio, uma risca estreita branca)
- “cós” pregueado nas mesmas cores da saia e sem bordado
- “forro” em azul marinho ou preto, liso, sem bordado mas com recorte denteado na parte superior
- avental onde predomina o vermelho, apresentando 2 partes distintas, ambas com riscas dispostas na vertical com larguras variadas, separadas por um enfeite de “puxados” (ponto de veludo feito ao tear) ou fita encanudada, rematado com fita de nastro lisa ou pregueada e encanudada
- camisa branca com mangas largas e compridas, com bordados a branco nos favos que definem “pregas de imprensa”; pode ter gola de renda leve
- colete vermelho, com “rigor” preto bordado sobriamente
- algibeira com bordados simples, deixando ver bem o tecido-base e rematada a fita de nastro, que pode ser de várias cores na mesma algibeira. Pode conter pequenos apontamentos bordados com vidrilhos, missangas e lantejoulas, mas não ao ponto de se tornar intermutável com as algibeiras das outras variantes do Traje à Vianesa – Viana do Castelo





- meias lisas, sem abertos (de confeção artesanal)
- chinelas pretas, lisas
- lenço da cabeça de fundo em amarelo canário e o do peito em cor laranja, ambos com franjas de lã.

Um dos traços distintivos deste modo de usar o Traje à Vianesa é o facto do lenço do peito ser colocado por dentro da camisa, definindo um pequeno decote.

AREOSA



Arosa, freguesia também da orla marítima de Viana do Castelo, tem “o mais vermelho dos fatos”, como comumente é referido:

- saia com grandes listas vermelhas separadas por riscas finas e verticais pretas e/ou brancas e ainda amarelas, verdes ou azuis, com “puxados” e “moscas” (estas correspondem a “puxados” de maior volume e expressão); saia com grande predomínio do vermelho, a que acresce uma enorme variedade de decorações tecidas nas riscas (“leiras”) em cores muito variadas (nomeadamente, branco, preto, vários tons de rosa, de verde ou de amarelo)

- “forro” vermelho geralmente (e nos dias de hoje) com uma ou duas silvas bordadas a lã ou a algodão de cores variadas e missangas, localizadas uma na parte superior e uma segunda silva, quando existe, bordada na parte inferior desse mesmo “forro”. Este bordado é composto por motivos abstratos, que se repetem, compondo uma silva. O “forro” pode também ser liso

- avental de “campo” vermelho. Na parte superior, logo a seguir ao cós, apresenta padrões de riscas, algumas ornamentadas com “puxados”, os quais, logo de seguida, definem desenhos muito exuberantes e elaborados, que cobrem, praticamente, todo o tecido do fundo. Esses desenhos apresentam variados padrões de natureza geométrica (quadros e formas geométricas) e também florais (rosas e parras), reforçados, ainda, pelo uso de cores vivas como amarelo, verde, vários tons de rosa e ainda o branco

- O cós do avental pode apresentar-se liso ou bordado. Esse bordado compreende, por vezes, palavras como “amor”, “amizade”, monogramas, nomes ou as armas de Portugal - tal como figuravam em bandeiras reais do século XIX - e, esteticamente, está muito próximo dos motivos a ponto de cruz que figuravam nos “marcadores” ou “mapas”

- colete vermelho com o “rigor” preto ou de cor muito escura. O bordado é feito em fio de lã ou algodão, mas muitas vezes suporta missangas, vi-drilhos e lantejoulas, e preenche quase toda a barra. Nas costas, a parte superior também é bordada, embora com menor exuberância

- algibeira, de fundo vermelho, tem a forma dita de “coração”. A “boca” é sempre de veludo preto. O tecido do fundo quase não se vê devido ao excesso de decoração bordada, onde abunda o emprego de missanga. O

remate é feito com bordado a missanga ou com fita de nastro lisa ou encanudada. O topo da algibeira é debruado com fita de nastro que se continua nos atilhos

- camisa branca, de ombros descaídos e bordados (a azul claro ou a azul forte), tem mangas franzidas na ombreira, a qual é bordada na mesma cor do bordado do ombro e dos punhos

- lenços, quer o da cabeça quer o do peito, têm fundo vermelho e franjas de lã

- meias brancas, rendadas

- chinelas pretas, lisas. Também é usual serem em camurça



SANTA MARTA DE PORTUZELO

Santa Marta de Portuzelo foi a freguesia que, ao longo dos tempos, mais ajudou a definir e afirmar o traje à lavradeira, pelo que grande parte dos trajes das freguesias circunvizinhas tem características idênticas a este:

- saia
 - a parte tecida é relativamente simples, vermelha com listas pretas, por vezes entremeadas por finas riscas brancas (listões vermelhos separados por listas pretas; no meio dos listões vermelhos, riscas estreitas pretas e/ou brancas). As listas podem conter puxados.
 - o “forro” é preto, liso ou bordado na parte superior com uma “silva” branca ou de cores que pode apresentar grande expressão.
- avental de “campo” vermelho, “bordado” com puxados (“moscas”), que definem grandes motivos florais ou geométricos. Com duas partes distintas, a superior tem riscas na vertical e a parte inferior, mais decorada, apresenta como que uma moldura, também ela muito trabalhada com o mesmo tipo de motivos e muito colorida (rosa, verde, amarelo, branco, etc). Os próprios motivos são debruados a cores diferentes
- o cós do avental tanto pode apresentar-se liso como bordado
- colete vermelho com “rigor” preto ou de cor escura, exuberantemente bordado; por vezes a separação do “rigor” da parte de cima do colete faz-se através da aplicação de fitas e galões
- algibeira bordada a algodão, lã, vidrilhos, missangas e lantejoulas, com remate com fita encanudada ou missangas a toda a volta
- lenço de cabeça e peito geralmente de campo vermelho podendo ser também utilizados lenços de fundo amarelo e laranja (ao peito, já que os de cabeça são sempre vermelhos)
- camisa bordada a azul claro ou azul forte nas ombreiras, colarinho e punhos
- meias brancas rendadas, bordadas com abertos e relevos vários
- chinelas pretas, lisas (com ou sem laço) ou bordadas a branco ou cores



GERAZ DO LIMA



Para além destas tipologias mais frequentes, em uso sobretudo nas freguesias referidas, existe uma outra, em tudo idêntica às anteriores mas cuja cor predominante é o verde e é proveniente da freguesia de **Geraz do Lima**.

Diz-se que este modo de trajar foi pensado em 1852, aquando da visita da rainha D. Maria II à freguesia de Geraz do Lima. Conta-se que, para receberem condignamente a rainha na ocasião, as raparigas da freguesia, pretendendo diferenciarem-se das demais, trajaram-se “à vianesa”, mas utilizando o verde como cor de base.

São as seguintes, as características desta tipologia de Geraz do Lima:

- saia com listas pretas e verdes (e ainda riscas mais finas de outras cores), podendo apresentar puxados
- forro preto liso (por vezes também apresentam uma silva bordada a branco ou a cores variadas)
- avental com motivos geométricos ou florais, com quadro decorado a puxados em que a cor predominante é o verde ou o preto (fundo)
- colete verde com “rigor” preto e com bordados
- lenços de peito e cabeça de fundo verde
- camisa bordada a verde nas ombreiras, punhos e colarinho
- meias rendadas, brancas
- chinelas pretas, lisas

A particularidade deste modo de trajar à vianesa é a inexistência de algibeira, usando-se, no local que seria ocupado por esta, um lenço bordado metido na saia. Não nos foi possível confirmar a autenticidade e/ou antiguidade desta informação, pelo que somos de opinião que a algibeira poderá ser usada no traje de Geraz do Lima (até porque, na sua maioria, constitui peça muito interessante e valorizadora, intermutável entre as várias tipologias de Traje à Vianesa – à exceção de Afife). Para tal, dever-se-á ter em atenção a cor do tecido base, como acontece, aliás, também com o colete e que deve ser verde.



TRAJE AZUL ESCURO



Por fim aborda-se o traje escuro (azul-escuro), que existe em todas as modalidades referidas anteriormente e que se caracteriza pela predominância dos tons escuros – preto, azul-escuro, roxo -, seguindo, no restante, as características gerais do Traje à Vianesa – Viana do Castelo, mais concretamente, da tipologia de Santa Marta de Portuzelo.

Difere deste padrão o caso de Afife, cujo traje escuro é igual ao vermelho, apenas substituindo as cores utilizadas (o vermelho pelo azul).

Assim, as características gerais do traje azul escuro, localmente designado “traje de dó”, são as que se seguem:

- saia preta com riscas finas brancas (e por vezes de outras cores – verde seco, amarelo torrado, roxo, azul, mas discretas). Pode ter puxados e “moscas”
- “forro” preto liso ou bordado com “silva” pequena e discreta
- avental com quadro decorado a puxados em que as cores predominantes são o preto (fundo), o roxo, o verde e o amarelo
- colete azul com parte inferior preta e algibeira ricamente bordados a algodão, lã, missangas, lantejoulas e vidrilhos
- lenços de peito e cabeça de fundo escuro (preto, castanho, azul escuro) com predominância de cores como o roxo, lilás, amarelo torrado e verde seco
- camisa bordada a azul nas ombreiras, punhos e colarinho
- meias rendadas
- chinelas pretas, lisas ou bordadas a branco



OUTROS CASOS

Nas freguesias de **Perre, Outeiro, Meadela, Serreleis e Cardielos** os trajes ali usados aproximam-se mais da tipologia de Santa Marta de Portuzelo enquanto o de **Carreço**, corresponde a uma mistura das tipologias de Afife e de Santa Marta de Portuzelo. Distinguem-se por pormenores pouco significativos, tais como: Perre e Outeiro, por exemplo, utilizam muito preto na tecelagem das suas saias e os seus coletes ostentam menos bordados que os de Santa Marta de Portuzelo; Carreço borda o seu colete apenas a vidrilhos, missangas e lantejoulas, sendo que apanha o lenço por dentro da camisa desenhando um decote (“à moda” de Afife); Cardielos e Serreleis apresentam, por vezes, “forros” de saias cujo bordado é extremamente desenvolvido e exuberante, com cores vibrantes.... No entanto, todas estas sub-categorias do Traje à Vianesa – Viana do Castelo não apresentam, por si só, motivos suficientemente diferenciadores para que sejam consideradas nas tipologias principais. Antes, seguem em praticamente tudo, o padrão da tipologia de Santa Marta de Portuzelo.

Os casos de **São Lourenço da Montaria, Amonde e Freixieiro de Soutelo**, freguesias mais a norte do concelho de Viana do Castelo que fazem fronteira com a Serra de Arga, também não fogem ao padrão de Santa Marta de Portuzelo, apenas se diferenciando pela variedade de cores base utilizadas no seu traje – vermelho, azul-forte, verde e azul-escuro. Freixieiro de Soutelo utiliza apenas o traje vermelho, mas diferencia-se pelo uso de lenço de campo amarelo na cabeça.



6

**CONDIÇÕES DE INOVAÇÃO DO
PRODUTO E NO MODO DE PRODUÇÃO
QUE, ABRINDO ESSA POSSIBILIDADE,
GARANTAM A PRESERVAÇÃO DA
IDENTIDADE DO PRODUTO**

O processo de certificação do Traje à Vianesa – Viana do Castelo visa, essencialmente, estabilizar o conceito e evitar descaracterizações e deturpações que o afastem da sua tipologia tradicional, que o tornou conhecido e um dos símbolos da nação.

Dito isto, e estabilizadas que estão neste documento as tipologias possíveis de identificação como Traje à Vianesa – Viana do Castelo, não será pertinente admitirem-se quaisquer alterações na composição da indumentária, configurem elas aspetos inovadores ou meras combinações diferentes daquelas aqui indicadas.

Assim, e para ser certificado como Traje à Vianesa – Viana do Castelo, as composições deverão seguir os padrões e tipologias identificados neste caderno de especificações.

No entanto, tal não implica que não possa, nem deva existir um processo de estudo para a qualificação de alguns dos aspetos que integram o Traje à Vianesa – Viana do Castelo, uma vez que a fraca qualidade do bordado, a decoração estereotipada dos coletes e algibeiras, a pouca variedade de padrões dos lenços e a má qualidade do estampado, são aspetos que condicionam e comprometem a imagem global da indumentária, pelo que devem ser acautelados.





Assim, e embora tal não constitua propriamente uma inovação, mas antes sugestões de melhoria, somos de opinião que se deverão encetar medidas no sentido de:

- diversificar os motivos dos lenços de cabeça e do peito (dentro do género), seja por melhorias ao nível dos padrões e processos de estampagem seja pela procura de outros fornecedores
- qualificar o bordado presente nas camisas, seja ao nível do desenho seja quanto à posição que ocupa nas mangas da camisa não permitindo que o bordado da ombreira desça abaixo do cotovelo
- qualificar o bordado realizado nos coletes e nos "forros" das saias, fornecendo desenhos às bordadeiras e reintroduzindo motivos que estão a deixar de ser feitos
- reintroduzir nos aventais padrões antigos de tecelagem, nomeadamente de características mais geométricas, padrões esses que têm vindo a ser substituídos pelos florais (sobretudo o padrão das rosas)
- atentar na largura dos córs das saias e aventais, que deve sempre ter entre 10 e 12 cm
- valorizar a parte tecida da saia, estabilizando a largura do seu "forro", para que nunca ultrapasse um terço do comprimento total da saia (permitindo o predomínio da tecelagem)
- fomentar a diversidade dos padrões tecidos (nas saias) e bordados (nas camisas, coletes, "forros" das saias, algibeiras), reintroduzindo motivos que caíram em desuso
- fomentar a reintrodução do fio de lã e de seda nos bordados dos coletes, "forros" das saias e algibeiras.







BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Rodrigo de, (1958) Policromia e evolução do traje À vianesa, Roteiro de Viana, Viana do Castelo.
- AMORIM, Eliana, (2012) Materialidade e imaterialidade: o traje das lavadeiras de Viana do Castelo no segundo quartel do século XX, Cadernos Vianenses 46, Viana do Castelo.
- BASTO, Cláudio, (1991, 1ª ed. 1930) O Traje à Vianesa, Câmara Municipal/ Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo.
- BOTELHO, João Alpuim, (2010) Catálogo do Museu do Traje de Viana do Castelo, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- BOTELHO, João Alpuim, (2012) Iconografia do Traje à vianesa: seis contributos para o estudo das suas origens, A Falar de Viana, Viana Festas, Viana do Castelo (p. 149 – 157).
- COSTA, Amadeu, (2011) Amadeu Costa: traje e chieira, Catálogo do Museu do Traje de Viana do Castelo, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- COSTA, Amadeu, (2012) O traje vermelho à vianesa, Traje, artesanato e tradição, Obras completas de Amadeu Costa, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- EÇA, Maria de (1934) A Mulher na Parada Regional de Viana do Castelo, Arq. VC nº 9, Viana do Castelo.
- MEDEIROS, António, (2003) A Moda do Minho – Um ensaio antropológico, Edições Colibri/depANT-ISCTE, Lisboa.
- MEDEIROS, António, PEREIRA, Benjamim, BOTELHO, João Alpuim (2009) Uma Imagem da Nação - o Traje à Vianesa, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- MORAIS, Carlos Branco, MEIRA, Gonçalo Fagundes, BAPTISTA, Carlos Pires, (2009) Areosa e o seu grupo Etnográfico da fundação à Modernidade, GR Etnográfico de Areosa, Viana do Castelo.

- MOREIRA, Manuel António Fernandes, (2005) O Traje e o ouro na época Barroca”, História de Viana do Castelo em Dispersos I, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- OLIVEIRA, Adelina Berta de, (2007, 1ª ed 1941) Subsídios para o Estudo do Traje Regional de Viana do Castelo, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- ORTIGÃO, Ramalho, (1887) As Farpas, David Corazzi, Lisboa.
- PEREIRA, Benjamim, (1989) Regionalismo Cultural: a propósito da reedição do traje à Vianesa de Cláudio Basto, Cadernos Vianeses, tomo XI, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- TEIXEIRA, Madalena Brás, (1994) Trajes Míticos da cultura regional portuguesa, Museu Nacional do Teatro/Lisboa Capital Europeia da Cultura, Lisboa.
- VASCONCELOS, Maria Emília, (1977) Falando de Meias, in Roteiro de Viana, Viana do Castelo.
- VASCONCELOS, Maria Emília, (2000) Sobre os trajes do Minho e os da Galiza, Cadernos Vianenses, tomo 27, Câmara Municipal, Viana do Castelo.
- VIANA, Manuel Couto, (1969) Como e quando ressurgiu nas lavradeiras de algumas freguesias do concelho de Viana o gosto pelo uso do seu lindo traje de festa, in Roteiro de Viana, Viana do Castelo.





TRAJE À VIANESA
VIANA DO CASTELO



VIANA DO CASTELO